

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

ALUIZIO VIDAL FLOR

POSSIBILIDADES DA GESTALTERAPIA NO ACONSELHAMENTO CRISTÃO

São Leopoldo

2010

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

ALUIZIO VIDAL FLOR

POSSIBILIDADES DA GESTALTERAPIA NO ACONSELHAMENTO CRISTÃO

Trabalho Final de Mestrado
Profissional para obtenção do grau
de Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós Graduação
Linha de Pesquisa: Aconselhamento
Pastoral.

Orientadora: Dra. Valburga Schmiedt Streck
2º Corretor: Julio César Adam

São Leopoldo
2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T632p Flor, Aluizio Vidal

Possibilidades da gestalterapia no aconselhamento cristão / Aluizio Vidal Flor ; orientadora Valburga Schmiedt Streck ; co-orientador Julio César Adam . – São Leopoldo : EST/PPG, 2010.

66 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2010.

1. Aconselhamento pastoral. 2. Psicologia pastoral. 3. Gestalt – Terapia. I. Streck, Valburga Schmiedt. II. Adam, Julio César. III. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Jesus, autor de minha fé e razão de minha existência, pelo seu grande exemplo de amor a quem tanto precisa de graça e misericórdia;

À minha esposa e filhas por me ensinarem na prática da vida que viver em família é sim um ambiente de amor, acolhimento e apoio constantes;

À Igreja Presbiteriana Gileade por me pastorear e continuar investindo em minha vida como uma possibilidade de apoio a outros e outros;

Aos professores que tive até hoje por me ensinarem que a cada dia preciso continuar aprendendo;

À minha orientadora, Professora Doutora Valburga Streck, por me mostrar que há grandeza e carinho na humildade dos sábios.

Aos meus colegas e minhas colegas dos cursos que fiz até hoje, pois com eles e elas tenho refletido que viver é conviver.

Aos meus colegas e minhas colegas de Mestrado em Teologia, pois me deram muitas aulas do que é viver a diversidade e experimentar unidade do Reino;

À Fernanda Priscila, menina poeta, que me trouxe de volta ao ideal de servir a Deus no serviço aos pobres e aos mais fragilizados e fragilizadas pela sociedade.

A cada pessoa que tem me dado a honra de ouvir suas vidas, permitindo ver-me em cada encontro que tenho como pastor, psicólogo ou amigo.

RESUMO

Este trabalho é uma tentativa de aproximar o Aconselhamento Cristão às teorias da Gestalt, de maneira que se possa tirar proveito desse encontro e possibilitar uma ampliação da prática de ajuda no ambiente eclesial. No primeiro capítulo há uma apresentação do desenvolvimento histórico do aconselhamento e dos desafios que temos para restaurar seu potencial na igreja hodierna, aproveitando os recursos da psicologia, sem, no entanto, abrir mão de todo o elenco de recursos que a espiritualidade cristã nos coloca a disposição. No segundo capítulo são apresentados os principais conceitos de maneira resumida, procurando trazer a reflexão para aquilo que é essencial na teoria, pois o cabedal de conceitos da Gestalt é muito amplo e há um grande processo de revisões teóricas acontecendo. Por último, são apresentadas, de maneira prática, e com conteúdo pleno de conceitos da Gestalt, algumas formas de se utilizar essa teoria na prática do aconselhamento cristão, dando a quem aconselha uma base daquilo que poderá ser feito para alcançar um melhor resultado em seu trabalho, principalmente no sentido de ampliar os horizontes de quem está sendo aconselhado.

Palavras Chaves: aconselhamento cristão, Gestalt, aqui-e-agora, *awareness*, crescimento, contato.

ABSTRACT

This work is an attempt to bring the Christian counseling to the theories of Gestalt, so that you can take advantage of this meeting and provide a breadth of practical help in the ecclesiastical environment. The first chapter there is a presentation of the historical development of counseling and the challenges we have to restore their potential in today's church, using the resources of psychology, without however giving up the whole set of resources that Christian spirituality to set us in disposition. In the second chapter is presented the main concepts of a brief way, trying to bring the reflection for that which is essential in the theory, because the stock of concepts of the Gestalt is very broad and there is a large theoretical review process going on. Finally, are presented in a practical way, and with full content of the Gestalt concepts, some ways to use this theory in the practice of Christian counseling, who advises giving a basis of what can be done to achieve a better result in his work, mainly to expand the horizons of those being counseled.

Keywords: Christian counseling, Gestalt, here and now, awareness, growth, contact.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
I - ACONSELHAMENTO E PSICOLOGIA: ALGUMAS POSSIBILIDADES E LIMITES	09
1. Cura d'almas: carências levam a potenciais	09
2. Pequeno histórico do Aconselhamento na Igreja Cristã	12
3. Aconselhamento Cristão: ampliando o conceito de pastorado	14
4. Aconselhamento Cristão ou psicoterapia?	15
5. Comunidade terapêutica exige sabedoria e treinamento	17
6. Treinamentos exigem bases teóricas sólidas	18
II - GESTALT TERAPIA – ALGUNS DOS PRINCIPAIS CONCEITOS	20
1. Mecanicismo: uma imposição conceitual	20
2. Base filosófica da Gestalt	21
3. Conceito de Campo	23
4. Inconsciente para Gestalt terapia	25
5. Awareness	26
6. Aqui-e-agora e Contato	27
7. Contato e Funções de Contato	28
8. A questão vivencial	29
9. A vida e suas escolhas	31
10. Sem resistir às resistências	32
11. Polaridades	33
12. Técnicas Psicodramáticas	34
13. Figura-Fundo	35
14. Ciclo de Contatos	36
15. Trabalho dentro das fronteiras do eu	36
16. Qualidade do contato	37
17. Ampliando as fronteiras	38

III – GESTALT APLICADA AO ACONSELHAMENTO CRISTÃO	40
1. Conceitos introdutórios	40
a) Aconselhamento cristão gestáltico também depende do Espírito	40
b) Aconselhadore cristãos são partes importantes do processo.	41
c) Aconselhadore têm de reconhecer e absorver os paradoxos do encontro.	42
2. Paradoxos	43
2.1. <i>Paradoxo entre a subjetividade e a objetividade no processo.</i>	43
2.2. <i>Aconselhamento: crescimento ou de adaptação institucional?</i>	45
2.3. <i>Paradoxo entre conversa informal e ambiente de aconselhamento.</i>	46
3. Aqui-e-agora	48
4. Tomando Consciência	49
5. Princípio do particular para o geral	51
6. Polaridades	52
7. Direito à Diferença	53
8. Alguns Passos para a Prática de Aconselhamento Cristão Gestáltico	54
8.1. <i>Promover percepção ampla da realidade</i>	54
8.2. <i>Promover um experienciar do aqui-e-agora como uma totalidade</i>	56
8.3. <i>Ajudar a pessoa a se perceber como unidade singular</i>	58
8.4. <i>Cada pessoa ser compreendida e compreender-se como “uni-verso” em relação.</i>	61
CONCLUSÃO	63
REFERÊNCIAS	66

INTRODUÇÃO

A Gestalt é uma linha psicoterápica relativamente nova e que ainda está em processo de reconhecimento em alguns círculos acadêmicos de Psicologia. Como toda criação teórica, essa técnica passa por resistências, análises, questionamentos e revisões, e, como tal, também precisa ser olhada criticamente pelo Aconselhamento Cristão, entretanto, não significa que não possamos reconhecer vários apontamentos úteis para esse ministério.

Esse trabalho trará algumas asseverações postuladas pela Gestalt que podem ser utilizadas no Aconselhamento Cristão, após avaliação teológica, e que serão muito úteis para o crescimento emocional daqueles e daquelas que buscam ajuda no ambiente eclesial cristão.

A proposta tem como objetivo central aproximar o Aconselhamento Cristão de mais uma linha teórica que é a Gestalt, de maneira que novas técnicas sejam absorvidas e a atividade do aconselhamento seja provida dessas possibilidades.

Para que essa aproximação teórica seja alcançada, no primeiro capítulo apresento um pouco da história e desafios do Aconselhamento Cristão, inclusive a questão do lugar da espiritualidade frente à psicologia, pois não é possível negar a importância dessas disciplinas e ao mesmo tempo o risco que o aconselhamento sofre de ser *engolido* pela psicologia e a Igreja deixe de ser o espaço de cura que já foi por muito tempo.

No segundo capítulo apresento alguns dos principais pressupostos estabelecidos pela Gestalt, consciente de que é impossível apresentá-los todos, contudo, relato aqueles que acredito serem úteis de alguma maneira. A Gestalt tem uma excelente base teórica e exige que nos aprofundemos cada vez mais para dela tirar melhor proveito. Além disso, há outra geração de teóricos que a revêem constantemente e ela passa por reformulações, contudo, as bases permanecem as mesmas e são dignas de serem observadas com muito afino.

Por último, de maneira mais prática, apresento algumas sugestões de como esses pressupostos podem ser utilizados no aconselhamento, possibilitando alguns recursos a mais aos aconselhadores e aconselhadoras pastorais, que poderão se utilizar destes conceitos para sua prática poimênica.

Na Graduação em Teologia me interessei pela área de pastoral e, na Graduação em Psicologia, meu maior interesse foi exatamente a Gestalt, contudo, nunca tive a oportunidade de juntar essas duas disciplinas de forma sistematizada. Aqui faço um pouco dessa tentativa.

O estudo desse conteúdo foi muito útil para minha atividade enquanto aconselhador cristão e professor da disciplina de Aconselhamento Pastoral e certamente abre o leque para mais pesquisas na área e, assim, crescer nessa junção de psicologia e aconselhamento sem, no entanto, submeter o aconselhamento a um psicologismo que tira a dependência do Espírito Santo e dos pressupostos bíblicos que nos são fundamentais.

Por causa do histórico inicial e mesmo pelos valores do fundador da Gestalt, além de ser uma tese nova, há muitas resistências no meio eclesial à utilização dos ensinamentos da Gestalt, contudo, como sou adepto do Modelo de Integração, ou seja, que ao criar a humanidade, Deus criou a possibilidade para toda verdade e para tudo que produz benefício à sua criação, portanto, criou também a possibilidade para a Psicologia e que, portanto, ainda que nem todas as suas descobertas sejam verdadeiras, há espaço para aprendermos e para utilizarmos seus valores, estou sendo desafiado a continuar pesquisando esse assunto e descobrindo novos caminhos práticos.

Num primeiro momento a pergunta essencial era: “Há pontos teóricos da Gestalt possíveis de ser utilizados em Aconselhamento Cristão?”, tendo, é claro, uma posição integracionista entre psicologia e fé. A partir daí, muitas são as perguntas feitas e os objetivos principais do trabalho são de tentar apresentar esses valores teóricos de maneira que nos atraiam a percebermos o grande valor conceitual da Gestalt e a várias possibilidades que temos de utilização no trabalho pastoral.

As respostas a essa pergunta abrirão grandes campos de atuação e cooperação entre Gestalt e Aconselhamento Cristão e também abrem novas perguntas e novos desafios para continuar a pesquisa, o que me anima sobremaneira.

I - ACONSELHAMENTO E PSICOLOGIA: ALGUMAS POSSIBILIDADES E LIMITES

1. Cura d'almas: carências levam a potenciais

Na cultura religiosa brasileira, mais especificamente na protestante, ficou-se convencionado que a experiência de “*conversão*” traz em seu bojo a idéia de que todos os problemas acumulados em nossa história ficam para trás e um novo e completo ser nasce, incluindo aí a libertação de todo e qualquer problema emocional existente. Entretanto, a teologia bíblica não oferece base para tal afirmação, já que apresenta a conhecida realidade do *já* e do *ainda não*, isto é, estamos num processo em que já fomos salvos em Cristo de toda a condição de seres separados do Pai; seremos salvos em Cristo de todo o efeito do pecado na criação; e estamos sendo salvos por Cristo da dependência do pecado como princípio diretivo de vida. Portanto, o princípio espiritual aplicado no texto bíblico para “*novas criaturas*” não tira nossa história passada nem nos tira da realidade histórica presente e todos os seus efeitos, apesar de transformar nossas expectativas futuras, o que interfere impressionantemente na qualidade de vida que temos.

Além de não encontrar espaço na teologia bíblica, a experiência nos tem mostrado que a Igreja pós-período missionário também traz dentro de si neuroses das mais diversificadas, padrões disfuncionais terríveis, práticas nada coerentes com a verdade do evangelho e já não temos como dizer que é porque a pessoa ainda “*não se converteu*”.

Isso tudo apresenta uma Igreja humanizada e que precisa se transformar em humanizadora, ou seja, que reconhece seus limites, por ser formada por homens e mulheres falíveis, e que se dispõe a olhar para suas próprias feridas com a disposição de tratar-lhe e fazer isso com as feridas de quem ainda não faz parte dela com muito carinho e determinação. Assim, ela se torna ambiente de consolo e abrigo para aqueles e aquelas que ali encontram espaço de apoio e cura.

Assumir esse fato abre-nos um leque enorme no sentido de que o Aconselhamento Cristão é um ministério de grande necessidade na vida das comunidades locais e ao mesmo tempo através das comunidades locais. É o reconhecimento de que há feridas na Igreja e há disposição de tratá-las.

O Dr. Ricardo Zandrino aponta uma argumentação interessante quanto a isso:

A Igreja é a comunidade do reino de Deus na terra, mas vive sob grande tensão: é povo de Deus e, no entanto, não habita plenamente em sua presença; goza da nova vida em Cristo, mas sofre ainda com a enfermidade e com a realidade da morte sempre presente. Este povo débil e imperfeito é a família que Deus deu a seus filhos, para que vivam em comunidade, para que enfrentem a enfermidade e a morte. É a Igreja, o dado mais concreto da realidade de Deus presente na terra.

Surge assim uma nova dimensão da função sanadora da Igreja: não só preserva o mundo da destruição e da morte espiritual definitiva, como também promove a saúde de seus membros.

Talvez alguém possa pensar: com tal argumento teríamos que aceitar que, uma vez incorporados à Igreja, seus membros não mais sofreriam enfermidades e isto não acontece.

Entretanto, o que tentamos demonstrar está em outro plano de raciocínio, em um nível diferente de compreensão desta realidade. Continuará havendo enfermidade entre seus membros; a dor, a depressão, o sofrimento, em todas as suas formas, voltará a acontecer, vez após vez. Mas alguma coisa vai mudar: é que na comunidade da Igreja o indivíduo não enfrentará a enfermidade sozinho, mas acompanhado pela família de Deus. Diante da depressão vai ter o recurso da graça de Deus encarnada na compreensão de seus irmãos, o que o ajudará a eliminar (ou pelo menos aliviar) a tristeza e a culpa. Diante da dor física encontrará a presença solidária de seu próximo, que está disposto a sofrer com ele.¹

Temos de reconhecer que há uma grande necessidade e nem sempre uma boa oferta de aconselhamento nas igrejas nas últimas décadas, apesar disso, Ronaldo Sathler-Rosa mostra que houve uma evolução no Aconselhamento Cristão nos últimos anos e apresenta três motivos básicos:

1. Primeiro, a despeito das divisões e vulnerabilidades das religiões, do cristianismo em particular, persiste, ainda, a incomensurável força simbólica da busca do sagrado projetada nos pastores e nas pastoras, apesar das críticas generalizadas ao clericalismo e a algumas formas de exercício do “poder pastoral”.
2. Segundo, o estado de abandono e crescente pobreza em que se encontram pessoas, famílias e comunidades, especialmente em países sul e centro-americanos, leva muitas pessoas a procurar abrigo, encorajamento, consolo e esperança junto às comunidades de fé e sua liderança pastoral.
3. Terceiro, a solidão e a ‘insatisfação com a satisfação’ quase que plena das necessidades imediatas de setores financeiramente médios e altos de nossa sociedade são fatores geradores de desarmonia e infelicidade.²

Seguindo essa linha de raciocínio, precisamos perceber e reconhecer que a comunidade cristã recebe as influências de tudo o que está acontecendo na sociedade em que está inserida sofre as referidas conseqüências e precisa atuar nelas e a partir delas. O aconselhamento cristão é um, talvez um dos mais significativos, meio de atuação da Igreja nessa realidade. Há um vazio emocional inerente à realidade social em que estamos inseridos,

¹ ZANDRINO, Ricardo A. *Curar também é tarefa da Igreja*. São Paulo, Nascente, 1986. p 60-61

² SANTOS, Hugo N. (editor) *Dimensões do Cuidado e Aconselhamento Pastoral*: Contribuições a partir da América Latina e Caribe – São Paulo: ASTE; São Leopoldo : CETELA, 2008. p 57.

mas há uma autoridade espiritual inerente na Igreja que pode e deve ser utilizada como instrumento de apoio e de alívio.

O sagrado como busca, a liderança espiritual como meio e o vazio não suprido pelo materialismo criam uma importante oportunidade para o ministério de aconselhamento.

Nesse sentido, podemos olhar o grande potencial do antigamente chamado cura d'almas. Aquele ou aquela que se dispunha a ajudar despertar o potencial curativo que há dentro de cada pessoa e que o Espírito potencializa na relação, no encontro, no carregar das cargas uns dos outros. Roger F. Hurding, citando a obra de Clebsch e Jaekle, *Pastoral care in historical perspective* (O Cuidado Pastoral Numa Perspectiva Histórica) apresenta quatro funções desse cuidado:

O ministério de cura das almas, ou cuidado pastoral, consiste em atos de auxílio, feitos por cristãos típicos, voltados para *cura, amparo, orientação e reconciliação* de pessoas com problemas que surgem no contexto de significados e preocupações básicas.³

Dessa maneira, a Igreja poderá ir permitindo que a noção de cuidado e cura reassuma seu papel dentro dela, acrescido agora das descobertas, conhecimentos e valores a respeito do ser humano. A necessidade é real e o potencial latente pode assumir cada vez mais um papel patente, palpável, real entre nossas comunidades.

Infelizmente a Igreja foi perdendo seu espaço de lugar de cura para a comunidade externa a ela. Isso foi se transferindo para os hospitais e ultimamente também para os consultórios de psicologia ou mesmo outros espaços de atendimento.

Essa é uma realidade sintomática, pois é sinal que a comunidade religiosa foi deixando de exercer seu poder de cura d'alma, deixando de ser espaço de acolhimento em tempos de dúvidas ou dor, deixando de ser refúgio, e não poucas vezes, passou a ser espaço de onde se foge. O professor Lothar C. Hoch, diz que as Igrejas da América Latina negligenciaram aspectos importantes do ministério terapêutico e diz mais:

Se hoje as Igrejas históricas estão estagnadas em termos de crescimento ou mesmo perdendo membros para outros movimentos religiosos é porque elas não encontraram formas eficazes de se fazerem presente na vida dos seus fiéis em momentos cruciais

³ HURDING, Roger F. *A Árvore da Cura: modelos de aconselhamento e de psicoterapia*. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 22.

de suas vidas. Temos perdido membros pela falta de assistência na hora da dor, porque não conseguimos ser comunidade terapêutica.⁴

Portanto, mesmo reconhecendo melhoras, não podemos negar que há uma grande lacuna ainda não preenchida no ministério eclesial do aconselhamento das igrejas de nosso continente.

Para o médico e teólogo E. Anthony Allen “O reinado de Deus entre nós e a salvação de Cristo correspondente envolve nosso ministério de cura, porque a preocupação principal do reino é o bem maior, o *summum bonum*”.⁵ Essa é parte importante de nossa vocação e algo inerente ao nosso modo de ser e de viver, portanto, não podemos negligenciar e permitir que percamos esse potencial.

2. Pequeno histórico do Aconselhamento na Igreja Cristã

Uma das grandes características da Igreja desde o seu início era o cuidado de uns para com os outros, especialmente no sentido de fortalecer a fé, criando condições para que se permanecesse firme nos tempos de provações e lutas.

O Professor Dr. Lothar Carlos Hoch apresenta algumas variações, de acordo com o contexto, em que o aconselhamento cristão acontecia na Igreja antiga e medieval e o faz em três modelos básicos: “*poimênica como instrumento a serviço da disciplina eclesial*” (cuidado com a fé para que ninguém se afastasse do reto caminho); “*poimênica como caminho de aperfeiçoamento da vida monástica*” (cuidado com a vida interior e experiência mística de união com Deus); “*poimênica como função terapêutica*” (na visão de luta entre poderes, era comum a busca de cura de males atribuídos aos espíritos imundos).⁶

A história registra textos cuidadosos, como, por exemplo, a *Carta a uma Jovem Viúva*, escrita por João Crisóstomo em 380; o “*Livro de Cuidado Pastoral*”, de Gregório, o Grande, no final do século VI ou a carta *Catorze Consolos Para os Exaustos e Sobrecarregados*, escrito por Martinho Lutero em 1520. Em cada um destes há demonstração

⁴ SCHNEIDER-HARPPRECHT, Cristoph S (org) *Fundamentos Teológicos do Aconselhamento Pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 22.

⁵ ALLEN, Anthony E. *Saúde Integral a Partir da Igreja Local*. Londrina – PR. Descoberta Editora. 1998. p. 38.

⁶ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1998. p. 21-22.

de um tempo na Igreja cristã em que o cuidado era parte integrante do ensino e da vivência pastoral.

Porém os padrões mudaram. O iluminismo trouxe uma noção de razão que explicava todas as realidades internas, saindo de um modo de explicação centrado nos espiritualismos e realidades místicas em geral e resumindo tudo a um modo previsível e quase que quantificável. Ver o mundo, a si mesmo e a Igreja agora era a partir de uma ótica absolutamente diferenciada.⁷

O aconselhamento cristão encaminhou-se por essa vereda e foi se tornando quase que um gueto profissional. A influência da psicologia racionalista, que tentava ser reconhecida como ciência, é inegável na prática pastoral e os padrões relacionais na igreja ganharam outros ares.⁸

Porém os valores estão em transformação constante, a lógica cartesiana não conseguiu explicar e responder todas as carências humanas e as buscas por apoio espiritual tem se irrompido como há muito não se via.

A Igreja Católica Romana, no Brasil, enfatizou aspectos mais ligados ao sacramental e as hoje chamadas igrejas históricas enfatizaram a evangelização pela pregação, com uma prática centrada no culto, no templo, nos ensinamentos em geral e quase nada nos relacionamentos.

Já na década de 70, na Igreja Católica com os *cursilhos*, e na década de 80 as igrejas evangélicas com os encontros de cura interior, o povo cristão começa gritar de forma mais explícita que não é possível viver sua fé apenas nos instantes litúrgicos. Registremos ainda que a Teologia da Libertação, mesmo sem produzir nada específico de Aconselhamento Pastoral, conseguiu produzir uma proposta importante de vida religiosa fora dos templos.⁹

Nos últimos anos, novas denominações e movimentos estão sendo formados a partir da proposta de tratamento do que existe na vida da pessoa não apenas em sua condição espiritual, mas em seu todo, até porque se entende melhor que tudo o aconteceu e acontece na vida de uma pessoa tem um valor espiritual por trás para cada um.

Nesse novo contexto o aconselhamento cristão precisa se organizar e criar espaços de reflexão e conceituação, sem perder a noção de dependência do Espírito na condução de sua

⁷ ROCHA, Alessandro. *Introdução à filosofia da religião: um olhar da fé cristã sobre a relação entre a filosofia e a religião na história do pensamento ocidental*. São Paulo: Editora Vida, 2010. p. 85

⁸ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1998. p. 22

⁹ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1998. p. 23

prática, procurando o objetivo de criar condições para um melhor desenvolvimento humano e ao mesmo tempo uma melhor forma de exaltação de quem é Deus naquela vida e através dela, pois o fim principal da existência humana é a glória de Deus.

3. Aconselhamento Cristão: ampliando o conceito de pastorado

Uma das grandes dificuldades vividas atualmente no aconselhamento pastoral é a profissionalização desse ministério em dois sentidos:

a) *Ministério de ação pastoral ou poimênica foi transformado em ação daqueles e daquelas que foram ordenados para o ofício pastoral.* Perdemos a dimensão do carisma da exortação, aquele dom em que as pessoas são capacitadas pelo Espírito Santo para *sentarem ao lado* daqueles e daquelas que de alguma maneira precisam de apoio. Temos formado pessoas para serem portadoras de todos os dons e quase que distribuidoras de todos os dons na comunidade, ou seja, o Espírito Santo deixa de ter um papel fundamental e os pastores ganham a primazia. Com isso, a exortação, ou pastoreio mútuo, deixa de ser da comunidade e passa a ser na comunidade feita apenas por uma pessoa.

Creio que o termo pastoral precisa ser revisto. O pastoreio não pode ser apenas do pastor e, portanto, o aconselhamento precisa deixar de ser apenas pastoral, no sentido da função. Isso é mais do que uma questão terminológica e deve levar a igreja a refletir sua visão de Corpo, fortalecendo, então a perspectiva de comunidade, de espaço coletivo em que há crescimento integral e mútuo.

b) *A aceitação da psicologia e de seus conceitos como conteúdo que pode e deve ser integrado foi dando aos pastores e pastoras conhecimentos que os transformam em “especialistas”.*

Esse processo precisa ser revisto nas comunidades cristãs, pois a essência do cristianismo não é a profissionalização das funções, ao contrário, o Corpo foi organizado pela dinâmica dos dons “com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do Corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus...”.¹⁰

¹⁰ BÍBLIA de Genebra. Barueri e São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil e Ed. Cultura Cristã, 1999. Ef 4:12-13.

O termo *pastoral* ao longo dos anos foi trazendo para dentro de si quase todas as funções do Corpo. Os pastores ou pastoras ganharam certo status com isso, alimentaram o processo e a comunidade perdeu seu poder de mútuo pastoreio, de cuidado mais próximo, de cura pelo ouvir e partilhar.

É tempo de alimentarmos cada vez mais a visão de comunidades que se interessa pelas vidas dos seus membros, cumprindo assim seu sentido de *comum unidade*, a vida de todos é de cuidado de todos, no sentido mais bonito do termo.

A essência do cristianismo é a relacionalidade, e está exatamente aí todo o potencial de cura que o ser humano precisa. Buscar uma prática de vivência comunitária que fortaleça os relacionamentos transfere à comunidade o poder de transformar conflitos internos em possibilidades de encontros e de crescimento que facilita a luta da vida cotidiana.

Quando essa consciência toma conta de nosso viver comunitário o espaço de aconselhamento não se restringe mais ao gabinete pastoral ou à formalidade dos encontros marcados para aconselhamento. Então, creio que a noção de aconselhamento precisa ser enfatizada mais como cristã do que pastoral, já que o termo pastoral foi reduzido a um espaço tão menor do que ele é. Uma comunidade de boa poimênica é mais importante do que uma comunidade que tem um bom pastor poimênico.

4. Aconselhamento Cristão ou psicoterapia?

Uma das críticas feitas por Satler-Rosa no texto citado anteriormente é o que ele chama de *reduccionismo psicológico*. A psicologia passou a exercer certo encantamento nos estudos teológicos a respeito do cuidado que o cristão também precisaria receber, entretanto, o aconselhamento passou a ficar muito restrito nessa área, sem reconhecer as outras realidades que influenciam o comportamento humano, como é o caso da sociologia, economia, antropologia e outras áreas que exigem atenção para que o fenômeno humano seja mais bem compreendido.

A utilização adequada e, simultaneamente, crítica da psicologia nas elaborações teóricas e na prática do AP (aconselhamento pastoral) é necessária e fundamental para a compreensão mais acurada dos humanos. Entretanto, além da psicologia, outras disciplinas acadêmicas contribuem para que agentes pastorais ampliem seus conhecimentos acerca das circunstâncias que geram situações de desconforto e inseguranças. Isso evita, portanto, a redução dos problemas de indivíduos, famílias e grupos à esfera psicológica. A psicologia atinge e lida com dimensões da *psiche*

humana que não são investigadas por outras disciplinas. Porém, outras ciências alcançam aspectos inatingíveis pelas ciências psicológicas.¹¹

Em sua obra *O Caminho da Sabedoria no Aconselhamento Pastoral*, Daniel S. Schipani apresenta uma análise muito bem feita sobre os valores e cuidados que devemos ter quanto ao uso do padrão psicoterápico no aconselhamento.

Na sua melhor forma, o aconselhamento pastoral extrai do paradigma clínico o uso de recursos psicológicos e teológicos para aprofundar sua compreensão do cuidador e daquele que recebe o cuidado, assim como a relação entre eles. Além de fornecer insights sobre o processo e sobre o relacionamento terapêutico e pastoral como uma oportunidade singular para o cuidado e a cura, o modelo clínico contribui significativamente para nossa compreensão da personalidade e do desenvolvimento humano a partir de uma perspectiva psicodinâmica (por exemplo, enfocando o conflito inter e intrapessoal e a teoria do inconsciente).¹²

Mas, em seguida, ele aponta o fato de que o padrão médico seguido pela psicoterapia, de dirigir-se sempre em direção à patologia, pode transformar o aconselhamento numa tentativa de ser psicoterapia o que não é o caso. Vale aqui salientar que nem todas as linhas de psicoterapias se propõem mais a esse tipo de padrão, inclusive a Gestalt, que é o foco nesse trabalho. Se isso já passou a ser questionado em psicologia, muito mais deveria sê-lo em aconselhamento.

Schipani transfere ao texto escrito muito de sua paixão por um resgate da sabedoria espiritual como sendo a base norteadora sob a qual todas as outras sabedorias deverão estar submetidas, e, nesse caso, inclusive a psicologia. Para ele, o aconselhamento cristão deve trabalhar sob as seguintes diretrizes:

a) visto, praticado e ensinado de forma pastoral; b) contextualizado eclesiologicamente; c) centrado em Jesus Cristo como sabedoria de Deus; d) ancorado nas Escrituras; e) visto, praticado e ensinado como forma singular do processo recriador guiado pelo Espírito; e f) orientado para o reino de Deus.¹³

A ênfase dada é que o Aconselhamento Cristão deve manter-se fiel ao seu princípio de ser parte do ministério eclesiástico, tendo a Escritura como base e o Reino de Deus como referencial, mesmo que a psicologia seja um adendo.

É importante detalhar esses limites para o Aconselhamento Cristão para que não percamos de vista seu caráter superior por ser de caráter espiritual e não submetê-lo a um

¹¹ SANTOS, Hugo N. (editor) *Dimensões do Cuidado e Aconselhamento Pastoral, Contribuições a partir da América Latina e Caribe* – São Paulo: ASTE; São Leopoldo, RS: CETELA, 2008. p. 59

¹² SCHIPANI, Daniel S. *O Caminho da Sabedoria no Aconselhamento Pastoral* – São Leopoldo, RS: Sinodal, 2003, p. 9.

¹³ SCHIPANI. 2003. p. 74.

mero padrão psicoterápico, pois este não tem a visão do homem todo e o comprometimento com o todo desse homem.

Os valores da psicoterapia são maravilhosos, pois permitem encontros do homem consigo mesmo, entretanto, se mostra limitada e deficiente por raramente terem comprometimento com a integralidade do ser humano, como o faz em parte a logoterapia, criada por Viktor Frankl. Nesse sentido, o aconselhamento cristão aumenta seu potencial de utilidade na e através da vida comunitária cristã, pois ajuda as pessoas a formularem auto-avaliações que incluem esse aspecto tão importante de sua vida que é a espiritualidade.

Isso deve ser uma marca e um interesse absolutos dos aconselhadores, pois a psicologia se ocupa essencialmente do que é humano e terreno, enquanto que o Aconselhamento se ocupa de detalhes desconhecidos e desconsiderados na psicologia.

Daniel Schipani diz que

Os aconselhadores pastorais são fluentemente bilíngües, capazes de falar as linguagens da psicologia e da fé. Por um lado eles devem conhecer a linguagem da psicologia e do aconselhamento dentro do modelo cultural dominante, em que a psicologia, especialmente em sua expressão terapêutica, funciona como sabedoria convencional e pragmática. Portanto, aconselhadores pastorais devem familiarizar-se e fazer uso de conceitos e recursos psicológicos relacionados ao desenvolvimento humano, à personalidade e à psicopatologia, além da contribuição de outras ciências humanas (estudos de gênero, análise sociocultural).¹⁴

5. Comunidade terapêutica exige sabedoria e treinamento

Se há algo que não pode ser prescindido pelo aconselhamento cristão é o lugar de Deus nesse processo, através de sua Palavra como orientadora e pela sabedoria do Espírito Santo como aquele que nos ensina todas as coisas.

Aconselhamento cristão implica necessariamente em temor, reverência e busca da sabedoria de Deus como ponto de referência e de partida, como meio e como objetivo maior de sua prática. Obviamente que não estou falando aqui de um misticismo não teológico. Estou falando de uma base teológica forte que permite ficar claro na mente do aconselhador ou aconselhadora qual referencial teológico que lhe serve como fonte balizadora, já que há um componente pedagógico doutrinário implícito ou explícito no processo.

¹⁴ SCHIPANI. 2003. p 76.

Para isso, nossa antropologia precisa ser teocêntrica e não antropocêntrica, pois, não sendo assim, caímos num vazio que pode não diferenciar o aconselhamento cristão de uma psicoterapia rasa, vazia de sentido e superficial na atuação.

Portanto, é necessário repensarmos o Aconselhamento Cristão no objetivo de reconceituá-lo em sua dinâmica espiritual, em seus valores bíblicos, em seu contexto de tradição teológica, enfim, em tudo o que lhe diz respeito, pois, ao tratar do ser humano, que é um ser em movimento, também precisa se perceber em movimento e se refazer a cada movimento.

6. Treinamentos exigem bases teóricas sólidas

Outro desafio que se apresenta ao Aconselhamento Cristão é como transformá-lo em algo mais participativo, a partir dos dons, como foi dito antes, e não a partir da função que se exerce no Corpo, e como treinar pessoas na comunidade para que isso se efetive.

Já sabemos da impossibilidade de um pastor local aconselhar de maneira eficaz todo um rebanho, pois a noção de cuidado pastoral hoje é diferente do que acontecia em outros tempos. Se nos períodos de surtos “ortodoxantes” o cuidado passa por ensino e disciplina, se no período mais pietista passa por conversas pessoais, nesse tempo o ser humano da igreja é um ser em lutas com conceitos teológicos e com consciência de deficiências enormes, nem sempre explicados e supridos no simples fato de confessar um conjunto de dogmas e freqüentar uma comunidade.

Howard J. Clinebell apresenta ao menos seis realidades em que o ser humano precisa ser visto e inserido. Vê-lo fora de um desses contextos parcializa extremamente esse olhar. Ver o humano em suas realidades física, emocional, espiritual, relacional, ecológica e institucional é de fundamental importância. Talvez seja possível acrescentarmos outros itens nesse olhar, contudo, é impossível que o olhemos sem considerar esses pontos.

Ver esse e essa “*crente*” em sua dimensão integral é um desafio que transcende a lógica do simplesmente conversar. Há conceitos teóricos que precisam ser incorporados no dia a dia dos aconselhores e aí sim, os pastores enquanto mestres têm o dever de estudar, ser treinados e ainda repassar a outros esse conteúdo para que haja disseminação de conhecimentos e partilha comunitária.

Há aspectos teológicos que envolvem o processo de aconselhamento que são necessários ser vistos, estudados e aplicados de modo específico para aquela situação. Reino, escatologia, o humano na sociedade, corpo, Espírito Santo, enfim, vários temas que são fundamentais e pessoas podem ser treinadas para fazer esse olhar a partir da teologia.

Usando a expressão do Daniel Schipani, como o aconselhador ou aconselhadora precisa ser bilíngüe, a psicologia têm várias linhas teóricas que podem servir de base para que pessoas sejam mais bem preparadas para exercerem seu ministério de exortação, de acordo com seu chamado e recebendo subsídios também da psicologia para seu trabalho.

Em cada linha teórica dessas há confrontos necessários com nossas teologias, e aí vale lembrar que entre nossas teologias também há confrontos, por isso prefiro chamá-las de teologias e não de teologia. Esses confrontos são naturais e até necessários. Daí a importância de vermos qualquer teoria psicoterápica sob o enfoque do nosso olhar teológico, pois esse é nosso princípio maior. Ninguém poderá exercer um ministério frutífero de aconselhamento se não submeter seu conceito de aconselhamento ao seu conceito teológico. Contudo, faz-se necessário também que não espiritualizemos o aconselhamento a ponto de tirar dele os conteúdos de conhecimento da psique e de outras áreas de nossa antropologia.

O pastor ou a pastora, entretanto, precisam assumir compromisso com a obtenção de bases teóricas sólidas, tanto em teologia do aconselhamento quanto em psicologia do aconselhamento, para que tenha condições de ensinar outros a partir dessas bases.

Dessa maneira, temos o desafio de procurar conhecer o máximo possível as teorias, tirarmos delas o que têm de conteúdo saudável, aplicar em nossas práticas de aconselhamento e treinar outras pessoas para que exerçam o ministério de aconselhamento dentro de nossas comunidades, tornando assim o aconselhamento menos técnico (por deixar de ser posse do pastor formado) e mais popular (por estimular a participação de pessoas da comunidade).

II - GESTALT TERAPIA – ALGUNS DOS PRINCIPAIS CONCEITOS

1. Mecanicismo: uma imposição conceitual

Um dos grandes avanços obtidos pelo pensamento humano foi o paradigma mecanicista, conceituado pelo filósofo, matemático e fisiólogo francês René Descartes (1596-1650). Defendia um conceito de dualismo psicofísico, ou seja, a vida é formada por uma realidade imaterial, a alma, que é inteiramente distinta do corpo e está para ser estudada pela filosofia, e a realidade material que é a vida física. Esta última funciona de modo mecânico, com leis matemáticas fisiológicas absolutamente previsíveis e que, como as engrenagens, suas realidades funcionam segundo padrões mecânicos.¹⁵

O conceito de alma ele atribui apenas aos humanos, mas o conceito mecanicista é atribuído a toda natureza. É esse paradigma que serviu de base para definir o que é ciência, para seus testes, controles e previsões. Indubitavelmente é um paradigma que trouxe grandes oportunidades para os campos do conhecimento humano, entretanto, devemos questionar se essa é a única maneira de trabalhar a realidade, se tudo da natureza, e especialmente do ser humano, pode ser conhecido só dessa maneira.

A psicologia, mais tarde, receberá grande influência desse paradigma, até mesmo pela necessidade de ser reconhecida como ciência, e isso a acompanhará de várias maneiras até hoje. A Igreja caminhou alheia a essa forma de pensar, contudo, não há dúvida que o racionalismo alemão, advindo do mecanismo, também influenciou a forma de fazer teologia e, conseqüentemente, a forma de fazer pastoral.

Partindo, então da seqüência histórica, a psicologia cedeu ao padrão mecanicista e tentou estudar a alma, ao contrário do ensino de Descartes, como um objeto previsível, influenciável e mutável de fora para dentro. A Gestalt questiona esse paradigma como forma de fazer psicologia, o que, creio eu, serve de ponte fundamental para seu uso no Aconselhamento Cristão, vendo-a como um movimento nem sempre previsível, mas certamente possível de ser acompanhada, entendida e transformada.

¹⁵ BRAGHIROLI, Elaine M et al. *Psicologia Geral*. 9ª Ed. Porto Alegre, Editora Vozes, 1990. p. 14.

2. Base filosófica da Gestalt

Há um aspecto filosófico da Gestalt que é a base fundamental de sua existência e precisa ser entendida por quem deseja dela se utilizar.

O empirismo trabalha com o princípio de que todo conhecimento se fundamenta naquilo que se realiza, ou seja, na experiência, o que parece ser seguimento do pensamento aristotélico de que o conhecimento acontece na compreensão do mundo concreto e não nas idéias abstratas.

Ao contrário do pensamento aristotélico, encampado pelo empirismo defendido principalmente por John Locke (1612-1704), o idealismo preconizava que o conhecimento é inato, portanto, carregamos reminiscências das idéias perfeitas e, mediante a reflexão, podemos encontrar dentro de nós a verdade sobre elas.

A fenomenologia, por sua vez, que tem como um de seus principais criadores Edmund Husserl (1859-1938), é uma reação ao empirismo e ao psicologismo tão em voga em seu tempo.

Husserl questionava qual era o conhecimento prático que me faria concluir que todo conhecimento advém da prática. Mas também questionava a idéia preconizada pelo psicologismo, tão comum no final do século XIX, de que tudo poderia ser explicado ao ser reduzido a um fenômeno natural, através da física ou da fisiologia. Com isso, confundia-se o que se conhecia com o ato de se conhecer. Uma coisa é a nuvem em si, outra coisa são as formas fisiológicas que me utilizo para conhecê-la.

Para Husserl o movimento não tem de ser em direção às teorias que expliquem a verdade e sim em direção às coisas em si mesmas, ou seja, para o fenômeno. Seu grande questionamento era como podemos perceber a verdade. Quando percebo é porque simultaneamente há algo perceptível. Não se pode subdividir a percepção, com toda sua estrutura de funcionamento, do conteúdo que está sendo percebido. Assim, toda consciência é consciência de, é consciência que se dirige a algo, é, portanto, consciência intencional.

Quando alguém, com sua mente, percebe uma realidade, é criado um campo único entre essa pessoa e a realidade pensada. Quando outra pessoa percebe aquela mesma realidade, ela cria seu próprio campo e, então, se diferencia da percepção do outro, por isso, cada percepção da realidade é diferente para um e para outro que a percebe.

Para Husserl há um mundo natural, mas agora um mundo posto em observação, ou, um mundo posto em parênteses. A isso ele chamou de redução fenomenológica. É a atitude de perceber algo (mundo, fantasia, qualquer coisa) e ao percebê-lo faço inferências sobre estas percepções e, daí, atingir a essência da percepção. Perceber, reduzir fenomenologicamente e passar para as essências, que é onde se define, passando depois para a última etapa que é pensar sobre a própria percepção.

Hugo Elidio Rodrigues apresenta alguns aspectos que podemos tirar desse princípio filosófico:

Primeiro: não é possível subdividir a estrutura perceber/percebido, ou seja, não dá para separar observador do objeto observado, como deseja a ciência ortodoxa.

Segundo: quando descrevemos o observado, na verdade estamos descrevendo nossa relação com o observado. A própria descrição do observado descreve um pouco de quem o descreve.

Terceiro: o tempo verbal possível só pode ser o presente. Pensamos, lembramos, imaginamos no presente. O passado ou o futuro desejado só pode ser descrito no presente.

Quarto: conseqüentemente perceber o percebido é como o percebo no aqui.

Quinto: quando percebemos o percebido, seu conteúdo só pode ser entendido em uma relação uma comigo que o percebo, portanto, o sentido está nessa realidade eu/mundo.

Sexto: minha descrição do mundo fora é na verdade como se dá minha relação eu-mundo, portanto, o sentido está no que sobressai na relação observador/observado.

Sétimo: o sentido dessa relação eu-mundo se dá na implicação do eu no mundo. Eu influencio e sou influenciado pelo contexto como um todo.¹⁶

Essa visão fenomenológica irá ser a base filosófica de toda a teoria gestáltica e precisa ser levada em consideração no aconselhamento cristão, tanto no sentido de perceber melhor como o aconselhando ou aconselhanda se percebe, mas também como cada um ou cada uma de nós percebe a história que está partilhada conosco no espaço de aconselhamento. Nesse sentido, há uma confluência entre a relação eu-mundo de quem está sendo aconselhado ou a aconselhada e a relação eu-mundo de quem está aconselhando, tornando, naquele momento, um só campo.

¹⁶ RODRIGUES, Hugo Elídio. *Introdução à Gestalt terapia: conversando sobre os fundamentos da abordagem gestáltica*. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 40-41.

Ana Maria Loffredo apresenta um resumo de como podemos perceber a visão fenomenológica no escopo da Gestalt:

- 1) Dar ênfase a experiência imediata aqui-e-agora, colocando-se entre parênteses pré-concepções estranhas a esse vivido imediatamente;
- 2) Buscar *insight* dentro da estrutura própria ao todo fragmentado que é o campo experiencial de percepção;
- 3) voltar-se a um trabalho de experimentação sistemática para descrever com acuidade a estrutura dos fenômenos implicados;
- 4) buscar *insight* no próprio processo de awareness;
- 5) estar imbuído da “atitude fenomenológica” que supõe ser a consciência sempre cônica de” criando condição de existência do mundo e dando-lhe sentido.¹⁷

3. Conceito de campo

Estamos acostumados perceber a realidade na perspectiva cronológica, causa e efeito, fases de desenvolvimento (infância, adolescência...). Essa forma mecanicista de ver nos impõe também à idéia colocar cada evento num tempo e o subdividirmos em passado, presente e futuro. Somos capazes de quase transformar isso em realidade da física: ontem eu fui de uma maneira, hoje sou de outra maneira e amanhã serei de outra maneira mais diferente ainda, como se em cada período desse eu fosse uma pessoa diferente e como se o que aconteceu não está influenciando o que está acontecendo hoje. O hoje não é apenas a consequência do que passou, ele é, de alguma maneira, a manifestação presente de algo que já esteve.

Esse é o chamado *pensamento linear*. Na teoria de campo, proposta por Kurt Lewin (1965) e trabalhada por Hawking (1988), o passado precisa ser observado e tudo o que está acontecendo ao redor daquele evento no presente também precisa sê-lo. Portanto, não é um evento isolado, nem é uma linha. É um conjunto de eventos que ocorrem em torno daquele que está sendo observado em um momento específico. Esse campo de eventos sugere que há uma inter-influência entre os eventos e o mais interessante à percepção naquele instante pode estar sendo modificado pelos demais.

Quando esse conceito é aplicado ao ser humano os eventos a serem considerados são sua bagagem hereditária, sua cultura, seus relacionamentos com pessoas próximas, sua

¹⁷ LOFFREDO, Ana Maria. *A Cara e o Rosto: ensaio sobre gestalt terapia* – São Paulo: Editora Escuta, 1994. p 42.

relação consigo mesmo, sua espiritualidade, sua relação com o meio ambiente, sua relação com as instituições em que está inserido. Portanto, não se pode apoiar uma pessoa sem considerar cada um desses eventos e sua influência no evento trazido por ela naquele instante (campo, segundo Lewin) e como ela se percebe experienciando aquela realidade (espaço vital).

Ao atuar nesse campo sendo capaz de fazer as escolhas desejadas e assumindo responsabilidade por elas, o indivíduo é reconhecido na Gestalt como alguém com saúde.

Para a Gestalterapia, cada evento acontece em um campo onde várias forças atuam ao mesmo tempo e configuram a realidade e nesse contexto se dá a existência humana, influenciada e influenciando. Sobre isso, escreveu Perls:

Ninguém é auto-suficiente; o indivíduo só pode existir num campo circundante. É inevitavelmente, a cada momento, uma parte de algum campo. Seu comportamento é uma função do campo total, que inclui a ambos: ele e seu meio. O tipo de relação homem/meio determina o comportamento do ser humano... O meio não cria o indivíduo, nem este cria o meio. Cada um é o que é, com suas características individuais, devido a seu relacionamento com o outro e o todo.¹⁸

Esse holismo, ou seja, essa forma de se perceber o ambiente de maneira total, inclui o terapeuta ou a terapeuta e a relação criada entre ele ou ela e o cliente ou a cliente, aspecto esse fundamental no processo de ajuda.

Ao olharmos de maneira holística, seguindo a teoria de campo, preciso considerar aquilo que sou e aquilo que fui como parte da mesma estrutura, portanto, de certa maneira não posso me ver como alguém que fui e sim como alguém que estou sendo, é o aqui-e-agora que se manifestam na mente e no corpo do ser humano, já que as experiências vividas no passado foram me criando condições para ser e agir agora, e, nas palavras de Ángeles Martín:

Os fenômenos ocorrem dentro de um campo, e estes fenômenos não se dão como algo isolado – uns elementos não estão isolados de outros – mas estão em função da organização desse campo. Imaginemos que o corpo é um campo. Pois bem, todos os fenômenos que se dão nele não se dão isolados, mas estão em função das características e do estado geral dessa pessoa, e o conhecimento dos elementos separadamente não nos permite deduzir os sistema no qual se encontram. Portanto, a esse campo chamado pessoa não podemos conhecê-lo através de seus elementos, mas como uma totalidade. O que podemos ver é como se organiza este campo: os processos psicológicos que se produzem dentro dele tendem a chegar a um estado tão bom quanto o permitem as condições prevalentes nesse campo.¹⁹

¹⁸ PERLS, Fritz. *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia*. Zahar Editores, 1977, p 31.

¹⁹ MARTÍN, Ángeles – *Manual Prático de Psicoterapia Gestalt*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p 35.

4. Inconsciente para Gestalt terapia

A Gestalt reconhece que há conteúdos que foram vivenciados, entretanto, de alguma maneira somos capazes de “*escondê-los*” de nossa consciência e que, mediante algum comportamento podemos manifestá-los. Mas há um dado que diferencia esse conceito na Gestalt para com a Psicanálise, pois o conteúdo não é colocado dentre uma hipótese conceitual do terapeuta e sim do seu sentido para quem o manifesta.

É comum que alguém entenda uma interpretação do terapeuta quanto ao comportamento manifestado, e quanto mais encontros o terapeuta tem com seu cliente, mais o processo vai permitindo construir com seu cliente percepções mais profundas, mas é mais profunda a percepção da pessoa que consegue por si mesma atribuir um valor ao seu comportamento. Usando as palavras de Hugo Elídio Rodrigues:

Na GT (Gestalt Terapia), exatamente por lidarmos com o momento presente, todas as informações necessárias para se trilhar este caminho – da pessoa até a possibilidade de contato com seus conflitos – estão ali disponíveis. A pessoa vai caminhando de acordo com sua própria medida, dentro do ritmo próprio e alcançando a segurança necessária para sua posterior auto reflexão e obtenção de sua autonomia holística, ou seja, autonomia sobre seus sentimentos, seus pensamentos, suas emoções; sua vida enfim.²⁰

O foco da Gestalt, porém, não está no conteúdo que está “*lá*” no inconsciente, e sim naquilo que está ocorrendo agora, aqui, no estar atual e naquilo que a pessoa vai trazendo para o seu agora. Esse estar agora é o enfatizado na descrição fenomenológica.

²⁰ RODRIGUES, Hugo Elídio. *Introdução à Gestalt terapia: conversando sobre os fundamentos da abordagem gestáltica*. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 51.

5. Awareness

Essa é uma palavra muito importante no conceito geral de Gestalt e que precisa ser reconhecida por qualquer pessoa que queira trabalhar com gestalt no aconselhamento cristão.

É palavra de difícil tradução. É comum ser traduzido em alguns meios como *consciência da consciência*, ou, presentificação, tornar-se presente. Ana Maria Lofredo cita Tellegen dizendo que “*é mais do que percepção, diferente de tomar consciência: tem a ver com o estado de presença quase meditativo*”²¹. A própria Loffredo faz uma definição mais técnica e rebuscada, ainda utilizando-se do trabalho de Tellegen:

[...] é fluxo associativo focalizado, que julgo a mais adequada dentre as opções possíveis. Nela fica implícito o caráter dinâmico e de processo no termo fluxo; a finalidade do método de facilitar a discriminação e de promover a maior precisão no contato com a figura emergente, através do termo focalizado; e associativo, na medida em que a focalização poderá levar à produção de novas cadeias de relação de significado.²²

Jeffrey D. Hamilton diz que “*Awareness é mais do que sentimento. É estar experienciando a nós mesmos como indivíduos e como parte de um grande sistema. É experiência total. ... corpo mente e espírito*”²³

Hamilton citando Irvine e Mirian Pôster diz que “*...consciência é um contínuo significado de manter-se atualizado.*”²⁴

Portanto, são várias as definições de awareness e todas mostram a amplidão e profundidade do que significa estar em estado consciente, percebendo o que realmente está acontecendo em si e em volta de si, o que é um dos grandes objetivos da Gestalt.

²¹ LOFFREDO, Ana Maria. *A Cara e o Rosto: ensaio sobre gestalt terapia* – São Paulo: Editora Escuta, 1994. p. 128.

²² LOFFREDO, 1994. p. 128.

²³ HAMILTON, Jeffrey D. *Gestalt in pastoral care and counseling: a holistic approach*. Hawort Pastoral Press, New York, 1997. p 46: *Awareness is more than feeling. It is experiencing ourselves as individuals and as part of larger system. The experience is total...body, mind, and spirit.*”

²⁴ HAMILTON, 1997. p. 48 “... awareness is a continuous means of keeping oneself up to date”.

6. Aqui-e-agora e Contato

A Gestalt enfatiza o aqui-e-agora, dá a ele uma atitude fenomenológica e propõe que se permaneça nesse tempo, para que se experimente o momento, para que se vivencie o momento, enxergando, assim, o que está “aqui”.

É uma forma de evitar que se substitua como diz Polster, a experiência por explicações da experiência. Claro que a explicação da experiência é importante, mas não é a única forma de vê-la. A Gestalterapia vê no *como* a experiência se desenvolve uma eficaz maneira de se perceber o que está acontecendo. Assim, a ênfase está em permitir que a pessoa descreva a experiência, mais do que explique a experiência, ou, nas palavras de Serge Ginger, a Gestalt se “... *interessa naturalmente pelos fenômenos de superfície atualmente perceptíveis*”.²⁵

Ao se dar esse tipo de ênfase, não se nega o passado na experiência de ninguém, mas se dá a oportunidade de que a pessoa entre em contato com o seu sentimento sobre o passado, ou seja, que ela perceba o que está acontecendo em seu coração aqui e agora, portanto, todo o tempo que temos é o presente, por isso, ele é a experiência. Nesse caso, o que está acontecendo no encontro entre terapeuta e cliente, e todas as nuances da realidade de cada um deles deve ser incluído e valorizado, pois se manifesta naquele momento terapêutico.

Tudo o que acontece no presente da vida do cliente ou da cliente e no presente do momento terapêutico deve ser percebido e enfatizado. Qualquer informação, gesto, percepção, sentimento. Essa é a forma de se trabalhar em gestalt. Não tenho o ontem nem o amanhã. Quando lembro, o passado se faz presente. Quando projeto, o futuro se faz presente. Só tenho o presente, por isso enfatiza-se o que se está experimentando agora, mesmo quando isso está se referindo ao passado ou ao presente.

O que o/a cliente experimenta naquele instante não precisa de explicação ou interpretação de ninguém, ele ou ela mesmo encontrará o sentido daquela experiência em sua vida. Se em algum momento o/a terapeuta interpreta alguma experiência, esta deve ser

²⁵ GINGER, Serge e Anne. *Gestalt, uma terapia do contato*, São Paulo: Summus, 1995.

partilhada e colocada para ser experienciada pelo cliente ou pela cliente e, assim, sua reação deve ser avaliada como aspecto vivencial do momento.

Portanto, a Gestalt não dispensa os fatos passados da experiência, simplesmente os coloca à disposição da percepção presente e lhes dá a ênfase fenomenológica central, chamando atenção, inclusive, para a responsabilidade que a pessoa tem em manter no presente uma reação negativa por causa de um fato do passado.

Serge Ginger, falando sobre o processo da gestalt aponta o seguinte:

Assim, pois, na realidade, o gestalt-terapeuta e seu cliente são mobilizados sem cessar num vaivém,... entre o presente e o passado, entre os fantasmas internos *intrapsíquicos* e os comportamentos externos e relações *intersíquicas*, entre a expressão não verbal e a palavra, entre a emoção e a tomada de consciência, à medida da emergência sucessiva de “*figuras*” sobre o “*fundo*” do *continuum da consciência*, da construção e da destruição de Gestalts.”²⁶

7. Contato e Funções de Contato

Já que para a Gestalt tudo o que acontece no presente deve ser considerado como material de trabalho, as percepções que a pessoa tem a partir de suas sensações também devem ser consideradas. Os sentidos de audição, olfato, paladar, tato e visão são nossa forma de contato com a realidade. Eles exercem “funções de contato”.

A pessoa é o seu todo e ela contata o mundo com esse todo, portanto, todos os seus órgãos de sentido reagem a cada situação, às vezes para confirmar positivamente aquela percepção e em outras para negar o que está percebendo. Contato, portanto, é aquilo que estamos fazendo no aqui e agora, ainda que seja uma lembrança ou mesmo um sonho quanto ao futuro.

Cada contato se torna, então, algo novo, e uma nova oportunidade é criada, possibilitando assim uma ativa atuação com o meio em que estamos inseridos. Nas palavras de Loffredo:

²⁶ GINGER, Serge. *Gestalt, a arte do contato*, nova abordagem otimista das relações humanas. Petrópolis, RJ, Vozes, 2007, p; 180.

Contato é o reconhecimento do outro, o lidar com o outro, o que não-é-eu, o diferente, o novo e o estranho. Numa situação de contato, estamos, inevitavelmente, assujeitados à possibilidade da novidade e do imprevisto. O organismo subsiste em relação com o meio, mantendo sua diferença, sua alteridade e, principalmente, assimilando o meio a seu ser diferente. É na fronteira que se afastam os perigos, que são transpostos os obstáculos e que é selecionado o assimilável. Este é sempre novidade e, integrando-o, o organismo cresce e muda. Todo contato é, então, um processo dinâmico e criativo. Não pode ser estereotipado, pois deve abrir-se ao novo, condição de nutrição.²⁷

Não é possível fazer uma separação entre mente e corpo ao se observar o ser humano e sua história. Há uma necessidade urgente de diminuir essa diferenciação, pois somos um todo e não podemos prescindir desse fato. O corpo é sim uma maneira de explicitação de muito daquilo que somos internamente. Portanto, as atividades físicas podem ser visibilizações de aspectos psicológicos, se tornando assim uma maneira privilegiada de sermos percebidos enquanto indivíduos e que não podem ser negligenciadas quando se procura aprender sobre o ser humano. Quando os manuais de teorias da personalidade lembram de F. Perls, o principal idealizador da Gestalt, o fazem defendendo essa idéia de maneira explícita.

Perls considera a cisão mente/corpo da maioria das psicologias como arbitrária e falaciosa. A atividade mental é simplesmente uma atividade que funciona em nível menos intenso que a atividade física. Assim, nossos corpos são manifestações diretas de quem somos; Perls sugere que pela simples observação de nossos mais aparentes comportamentos físicos – postura, respiração, movimentos – podemos aprender muito mais sobre nós mesmos.²⁸

8. A questão vivencial

O experimento é a capacidade de reconstituir um momento, lembranças, sentimentos, percepções, sensações, enfim, é trazer para o corpo, para a vivência, o máximo possível daquilo que se experimentou ou está experimentando.

Quando se pratica um experimento se entra na situação e se vivencia de lá, de dentro, do momento. É possível falar sobre algo e isso ajuda, mas é melhor quando se vivencia o algo e se observa as sensações daquele instante, permitindo assim que se fique mais consciente do momento existencial e emocional em que se está (aware).

²⁷ LOFFREDO, Ana Maria. *A Cara e o Rosto: ensaio sobre gestalt terapia* – São Paulo: Editora Escuta, 1994. p 83.

²⁸ FADIMAN James; FRAGER, Robert. *Teorias da Personalidade*. São Paulo: HARBRA, 1986. p 130.

Se posso experimentar uma situação em seu aspecto vivencial certamente poderá experimentar as emoções ou qualquer outra sensação que meus pontos de contato são capazes de estabelecer, compreendendo melhor a sensação do que é estar aqui, ampliando assim a percepção do que envolve todo o campo vivencial, ou seja, o entorno daquela questão, inclusive as chamadas questões inconscientes.

É de onde estamos (campo vivencial) que começa nossa caminhada, e isso permitirá a autonomia de decidir para onde se quer ir. Ao se experimentar o que está no entorno, a pessoa tem melhor condição de tomar decisões, pois tem uma percepção mais clara das forças que estão envolvidas nesse processo. Para isso, o cliente ou a cliente, e só ele ou ela podem fazer essa opção, precisam escolher qual detalhe querem enfatizar e experimentar em maior profundidade.

A Gestalt ficou conhecida em seu início por muito se utilizar de experimentos nos grupos ou nos atendimentos particulares, o que foi criticado posteriormente por F. Perls. Ana Loffredo cita Zinker que diz: *O experimento é a pedra angular da aprendizagem experiencial. Transforma o falar - sobre em fazer. O recordar e o teorizar rançosos, em um estar inteiramente aqui com toda a imaginação, energia e excitação.* ”²⁹ E ela mesma acrescenta depois: *“Entretanto, não deve ser confundido com exercício”*.

O problema é quando se propõe e se vivencia o experimento como algo capaz de transformar comportamentos. A Gestalt não se propõe a meramente transformar comportamentos, mas sim a uma fenomenologia experimental. Desenvolver ambiente propício a *awareness* e suas atualizações é fundamental e o grande objetivo do processo. Como o experimento será feito para alcançar esse objetivo, aí é preciso que se ressalte, tudo dependerá de vários fatores como o assunto, o cliente, o terapeuta, o ambiente, a criatividade, os materiais que se tem a disposição, o tempo, enfim, diversos fatores.

Cada terapeuta, conselheiro ou conselheira desenvolverá seu próprio estilo de utilizar do experimento como uma ferramenta a serviço da *awareness* de quem se está ouvindo. Mas é preciso que se aponte para o fato de que os experimentos são mobilizadores de grandes quantidades de energia emocional, portanto, quem estiver disposto a utilizar-se deles precisa estar muito bem preparado para dar suporte e para saber o que fazer com os resultados.

²⁹ Apud. ZINKER, J. *El proceso creativo en la terapia gestáltica* (1977) Buenos Aires, Paidós, 1979.

9. A vida e suas escolhas

A pessoa tende a adaptar-se ao seu meio e muitas vezes faz isso abrindo mão de valores que lhe são intrínsecos em favor das exigências que o ambiente lhe faz. Para tal, ela faz escolhas por esse ou por aquele caminho. Portanto, sua história é mais do que um conjunto de fatos que lhe ocorreram e sim o conjunto de escolhas que ela fez na vida, a estrutura de vida que ela construiu para si dentro de seu contexto.

Obviamente teremos de fazer um questionamento teológico nesse ponto, definindo até onde cremos que Deus é quem faz tudo em nós e somos apenas agentes passivos ou agimos a partir do que Ele quer para nós. É a velha questão de até onde vai a responsabilidade humana no exercício de sua vida. Contudo, seja em qual for o sistema teológico em que a pessoa está inserida, é inegável que conscientemente ela tem responsabilidades com suas decisões e o aconselhamento pode lhe ajudar refletir que seu crescimento passa por sua postura diante de cada fato.

Isso chama a pessoa para uma responsabilidade sobre a própria vida, entendendo que ela é a responsável por sua condição atual e que, portanto, pode assumir compromissos com as mudanças necessárias.

Nesse ponto, a Gestalt assume totalmente uma influência do existencialismo. É o homem como responsável por se fazer e fazer a própria humanidade, pois uma decisão que toma por si influencia todo o meio e é influenciado por ele. Assim, a Gestalt acredita no potencial humano de ser feliz e de viver em paz.

A partir desses pressupostos filosóficos, a Gestalt enfatiza a necessidade de a pessoa ser estimulada a ser responsável por si mesma, a crescer e ser adulta, a entender e praticar o seu papel de protagonista em seus processos de mudanças.

Para enfatizar a responsabilidade que a pessoa tem, freqüentemente é necessário trabalhar com a *frustração*, ou seja, o terapeuta não entra no jogo manipulativo do cliente ou da cliente, seja como criança, seja como vítima ou qualquer outro papel desenvolvido como defesa e como formas de ganhos secundários. No caso do aconselhamento cristão, especialmente quando realizado pelo pastor ou pastora, há um grande risco que se entre nesse

jogo, pois há uma tendência natural de ser provedor ou provedora das necessidades das ovelhas. Entender o processo e *frustrar* a pessoa pode ser muito útil para o seu crescimento, ainda que num primeiro instante pareça ser cruel por parte de quem está aconselhando, passando até a idéia de uma insensibilidade. Contudo, com tempo, as pessoas envolvidas no processo serão beneficiadas com os resultados.

10. Sem resistir às resistências

Se no mecanicismo é padrão tirar tudo o que se julga não funcional, não positivo, na Gestalt se procura conhecer melhor a pessoa que está com tal característica, ou seja, a ênfase está em conhecer a pessoa com a resistência A ou B ao invés de trabalhar para tirar aquela resistência.

Primeiramente a pessoa é convidada a descrever-se naquele papel ou função que tem exercido. A auto descrição lhe permitirá compreender melhor o que acontece consigo, isto é, lhe dará um sentido daquilo que tem sido o seu viver. Contudo, não significa que tudo será percebido naquele momento da descrição. É comum que muitos aspectos só serão compreendidos depois de um tempo, especialmente depois que se percebe todas as forças que estão atuando sobre ela.

Jorge Ponciano Ribeiro vê as resistências como uma forma de organização:

Resistência é um nome nosso, o que a organização faz é tentar sobreviver por meio de energias, de processos que lhe parecem momentaneamente auto-reguladores. A organização, como uma totalidade, é um ser vivo; pensa, sente, move-se e organiza-se de maneira previsível, embora, como em todo grupo humano, processos conscientes e inconscientes e estejam atuando a todo instante.³⁰

Compreender a si mesmo é um dos grandes objetivos a ser alcançado, entendendo, obviamente, que a percepção de um momento não necessariamente é expressão real daquilo que acontece, pois é de onde se vê naquele instante, é da condição maturacional que se está naquele tempo da vida. Além disso, há o paradoxo entre a percepção do aconselhador ou aconselhadora e a percepção do aconselhando(a) e a que deverá ser enfocada é deste(a).

³⁰ RIBEIRO, Jorge Ponciano, *O ciclo do contato: temas básicos na abordagem gestáltica*. 4ª Ed. rev. São Paulo: Summus, 2007.

A compreensão que a pessoa tem de si mesma naquele instante é o ponto de partida para onde se quer chegar. Mais do que saber por que se age dessa ou daquela maneira, a pessoa é estimulada a ver o todo que envolve aquele comportamento e qual a essência desse comportamento em sua perspectiva. Quando se compreende um comportamento e a sua essência, aí se encontra a grande possibilidade de uma decisão quanto a este, pois foi criada uma nova percepção.

Essa nova e ampliada percepção de si mesma possibilitará à pessoa assumir a direção de sua história, deixando de atribuir a outros, ou às circunstâncias, a responsabilidade pelo que lhe ocorre. Para isso, a Gestalt se propõe não a dar respostas, mas a propiciar um ambiente que ajude a pessoa descobrir o que a tem impedido de realizar mudanças em sua vida.

11. Polaridades

Ao analisarmos uma atitude tomada, o que normalmente é a escolha daquela atitude e não de sua exatamente oposta, podemos ter uma melhor compreensão se percebermos o ponto zero anterior à decisão. Aí estão os recursos que a pessoa tem para lidar com a situação, mas freqüentemente nos envolvemos com muita energia na polaridade escolhida. Ao incluirmos o ponto zero que antecede a decisão, podemos resgatar a visão ampliada de todo o campo que influenciou aquela postura.

Quando se está frente a uma nova decisão a ser tomada, a proposta da gestalt é que paremos para observar todo o campo que envolve a dúvida ou conflito, antes da decisão e de suas possíveis conseqüências.

As forças em sentido contrário que atuam dentro do campo vivencial naquele instante forma as chamadas *polaridades*. Elas geram impasse, pois podemos ver vantagens ou insuficiência nas duas, contudo, são mutuamente excludentes.

É exatamente a capacidade de ficar no conflito e perceber o campo e suas forças que poderá dar à pessoa a possibilidade de uma decisão mais madura e mais centrada.

Assim, a Gestalt propõe uma exploração dessas possibilidades que são mutuamente excludentes, mas também complementares, ou seja, toda atitude de introjeção tem em seu bojo um enorme potencial de extroversão, bem como o amor traz consigo o potencial de ódio, a frustração traz gratificação, a perda traz ganhos, enfim, é uma grande gama de possibilidades que a pessoa pode experimentar e “experenciar” em um aconselhamento com ênfase gestáltica e, a partir dessa exploração tomar novas decisões.

Vale lembrar que a exploração de polaridades não é simplesmente um mundo bipolar de possibilidade, é mais que isso, é proposta de exploração das multipossibilidades, ou, nas palavras de Ginger, não é “... *acantonar-se assim num “menu” ideal, mas ao contrário saborear a inesgotável riqueza dos pratos ‘à la carte’, adaptados ao apetite e aos companheiros da mesa naquele instante*”.³¹

De modo prático, podemos ajudar uma pessoa a se colocar em um papel inverso ao que tem se colocado, ou mesmo em outro papel, possibilitando-a experienciar aquela situação em outro ângulo e perceber-se também a partir daí.

12. Técnicas Psicodramáticas

A Gestalt se utiliza em muito vários aspectos do Psicodrama³², uma intenção de ajudar na clarificação do campo vivencial em que a pessoa está inserida, ampliando, então, sua percepção dos vários aspectos envolvidos.

Nessa prática, a pessoa dramatiza uma situação interpretando as partes envolvidas, personificando-as, ou mesmo se utiliza de materiais que possam ser úteis no sentido de ajudar a pessoa a entrar em contato com seus conteúdos através de colagens, pinturas, representações gráficas e outras ações, sempre no sentido de ampliar a percepção.

³¹ GINGER, Serge. *Gestalt, a arte do contato: nova abordagem otimista das relações humanas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

³² Método criado pelo médico romeno Jacob Levy Moreno, apaixonado por teatro, que desenvolveu técnicas cênicas que ajuda na busca de melhor percepção dos estados psicológico das pessoas que participam de um grupo de trabalho.

Tanto as velhas como as novas escolhas, as antigas personagens assumidas ou as novas posturas assumidas, tudo pode ser personificado e vivenciado na dramatização. No caso do aconselhamento cristão isso também pode ser utilizado, dependendo da disposição e criatividade de quem participa do processo, e é de grande utilidade nos aconselhamentos feitos em grupos, principalmente nos chamados encontros de casais.

13. Figura-Fundo

A Psicologia da Gestalt trouxe um conceito muito importante para a gestalterapia. É o conceito de figura e fundo. Sempre que olhamos com atenção para um determinado detalhe, o percebemos em relação a outros, ou seja, aquele detalhe salta aos olhos de uma forma mais específica do que os outros. Este detalhe é chamado de *figura* e os outros são chamados de *fundo*.

A percepção de qual é a necessidade maior do momento (figura) é o que dirigirá a ação do ser humano na busca de regular o seu organismo, e fará isso num processo de escolha entre aquela necessidade principal e as demais (fundo). O processo de saúde emocional de uma pessoa passa por esse conceito, segundo F. Perls. Vejamos:

O neurótico perdeu a habilidade (ou talvez nunca a tenha desenvolvido) de organizar seu comportamento de acordo com uma hierarquia indispensável de necessidades. Literalmente, não pode se concentrar. Na terapia, ele tem que aprender como distinguir, entre miríades de necessidades, uma da outra, e como dedicar-se a uma de cada vez. Deve aprender a distinguir e identificar-se com suas necessidades; deve aprender como, a cada momento, ficar totalmente envolvido no que está fazendo, como manter uma situação o tempo suficiente para fechar a Gestalt e passar a outro assunto. Organização mais meio é igual a campo.³³

Portanto, o que fará com que um aspecto se torne figura é a necessidade que a pessoa tem naquele momento específico e, uma pessoa saudável, saberá selecionar o que lhe é mais importante e necessário no sentido de satisfazer-se adequadamente.

³³ PERLS, Fritz. *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia*. Zahar Editores, 1977. p 33.

14. Ciclo de Contatos

O ato do viver traz consigo as sensações, ou seja, experimentamos em nosso organismo uma realidade diferente do estado anterior, mesmo que ainda não tenhamos uma definição clara do que foi percebido e, depois que temos essa definição, esse ritmo se torna mais claro ainda. A partir daí, aquela sensação pode merecer nossa atenção e começamos despender energia para atendê-la. A primeira etapa é a do planejamento, ou seja, como faremos para atender aquela necessidade e a outra etapa é a ação em si, é o contato com aquela realidade que era fundo e foi se tornando figura aos poucos. No momento em que a necessidade é satisfeita o organismo leva de novo aquela realidade para o fundo e outra sensação pode ser experimentada.

Esse é o processo de homeostase com que o organismo trabalha o tempo todo, isto é, ele procura satisfazer suas necessidades e quando um novo desequilíbrio se instala há uma nova busca para realização. A busca de satisfação acontecerá através dos contatos do indivíduo com seu meio. “*O organismo tem tanta necessidade psicológica como fisiológica de contato*”.³⁴

Para alguns autores, cada momento desses é um ciclo, mediados pelo que uns chamam de retraimento e Hugo Elídio chama de *repouso*. É o espaço entre o não e o sim, é o momento em que reorganizamos nossas energias para uma nova busca, para uma nova percepção do que é figura e, assim, tomarmos decisões mais conscientes e mais responsáveis.

15. Trabalho dentro das fronteiras do eu

Há situações que para algumas pessoas é perfeitamente possível se comportar de uma maneira específica, e para outras, ainda que tenham condições, aquilo é absolutamente impossível. Abraçar, por exemplo, é mais fácil para uns do que para outros, isso é chamado em Gestalterapia de *fronteira do corpo*, assim como há outras fronteiras estabelecidas.

³⁴ PERLS. 1977. p 22.

São situações que estabelecemos como espaço em que ficamos a vontade e temos dificuldade em entrar em contato com outra realidade que não aquela. Isso foi denominado como *fronteiras do eu*. Essas fronteiras precisam ser reconhecidas e respeitadas, antes de simplesmente tentar quebrá-las, seja pela própria pessoa, seja por quem a estiver ajudando.

Hugo Elidio apresenta um resumo prático de como muitas vezes violentamos as fronteiras das pessoas e não a ajudamos antes de colocá-la diante de uma situação nova:

Dentro do mecanicismo que nos impregna, temos por hábito verificarmos um problema e atuarmos para eliminar aquele problema, sem nos dar conta ou simplesmente não querendo mesmo considerar tudo o que está em volta. Por exemplo, se uma pessoa sente-se mal ao enfrentar um grupo de expectadores em uma palestra, o ‘remédio’ é ‘empurrá-la’ para tal situação e, de preferência, cobrando-a: ‘Você só vai resolver isso enfrentando!’.³⁵

É importante entendermos que as fronteiras são espaços de segurança psicológica para aquela pessoa. O que está dentro daquele “espaço” lhe é familiar e diferencia do que realmente lhe é novo, portanto, é preciso que ela seja profundamente respeitada naquele instante para que possa se perceber e se preparar para ampliar suas fronteiras.

16. Qualidade do contato

O organismo tem necessidades emergentes e tenta resolver isso através dos contatos. Em algumas circunstâncias nossos contatos não estão sendo com o que realmente satisfaz aquela necessidade emergente, portanto, não basta o contato em si. Assim, quando uma pessoa está em contato com algo de sua vida pode ser saudável, mas não necessariamente seria aquele o conteúdo mais importante para o momento. Se ao eleger como foco um determinado problema para ser resolvido e ela fica em contato com outro sentimento, por exemplo, aquele contato não está sendo saudável. Anna Maria Lofredo diz o seguinte:

O critério para saúde ou patologia está na qualidade do contato sendo, portanto, visto em relação ao processo de ajustamento criativo do indivíduo ao meio. Este significa auto-regulação, abertura ao novo, contato vivo e vitalizante. A idéia de

³⁵ RODRIGUES, 2008. p. 137

“ajustamento criativo” se refere à formação de novas configurações pessoais, com a entrada de novos elementos a partir da experiência do contato. Ou seja, trata da reestruturação inevitável que a entrada de qualquer elemento novo provoca na antiga estrutura. É o processo no qual se parte de estruturas relacionais, que já não são funcionais, no sentido de superá-las.³⁶

O *self* é exatamente esse sistema de contatos a qualquer momento e tudo o que o envolve, pois o indivíduo todo se manifesta na percepção integral desse momento. A saúde psicológica e doença dependerão da identificação e alienação deste, funcionando como processo e não apenas como uma estrutura. Toda a base de conceituação gestáltica passa por esse aspecto de relação entre organismo e meio. Por isso, é de fundamental importância que se dê a devida atenção a como se dá essa relação no dia a dia da pessoa.

17. Ampliando fronteiras

Todas as fronteiras precisam ser conhecidas para que possam ser ampliadas. São as fronteiras que estabelecem limites entre a pessoa e o ambiente e que lhe possibilitam perceber-se bem ou mal numa situação.

As fronteiras são reconhecidamente necessárias, desde que abertas aos novos contatos e com regras para se definir o que entra e o que não entra em seu interior. Para isso, precisamos entendê-las não como algo entre o organismo e seu contexto e sim como o espaço de contato entre eles. Elas, portanto, não são meios de separação e sim meios de contatos e precisam ser reconhecidas e valorizadas como tais.

Fazemos isso de maneira bem prática na alimentação. Vemos, cheiramos, tocamos, mastigamos antes de engolirmos um alimento. Depois dessa experimentação, decidimos se queremos ingeri-lo ou não e, depois de ingerido, ele passa a fazer parte do nosso “eu”. Da mesma maneira fazemos com todos os estímulos que recebemos constantemente, sejam idéias, valores, padrões, carinhos, opiniões ou qualquer outro.

Um dos papéis do conselheiro ou conselheira é possibilitar à pessoa uma melhor percepção de se aquilo que ela está recebendo está sendo realmente aceita ou não. Há

³⁶ LOFFREDO, Ana Maria. *A Cara e o Rosto: ensaio sobre gestalt terapia* – São Paulo: Editora Escuta, 1994. p 85.

estímulos que ainda não chegaram à fronteira, portanto, não são percebidos pelo organismo. É preciso, nesse caso, todo um trabalho de estímulo a uma ampliação da fronteira para que a pessoa perceba conteúdos ainda não percebidos e uma decisão seja tomada em relação a eles.

Por exemplo, há sentimentos que a pessoa tem e ainda não tem consciência deles. Não é papel do conselheiro ou conselheira interpretar o que está acontecendo, mas criar condições para que a própria pessoa amplie sua fronteira, perceba o sentimento e tome a decisão que desejar em relação a ele. E não necessariamente ela precisa chegar até onde ou só até onde o conselheiro ou conselheira conseguiu perceber previamente. Esse exercício possibilitará um maior crescimento e expansão da capacidade da pessoa em construir seus próprios caminhos se sentindo responsável por sua própria vida.

Quanto mais consciência a pessoa ganha das forças que atuam em seu campo e quanto mais contato a pessoa faz com essas forças, mais capacidade ela ganha de tomar decisões sóbrias quanto a uma realidade. Interessante frisar que as forças são sempre presentes, mesmo que sua causa seja passada, por isso, a gestalt-terapia atua no aqui-e-agora, ajudando a pessoa a ver o que está fora a partir da segurança de suas fronteiras e decidindo ampliá-las até o estímulo e não sendo invadida pelo estímulo.

III – GESTALT APLICADA AO ACONSELHAMENTO CRISTÃO

O aconselhamento cristão já é em si um grande desafio, considerando ser ele carregado de uma série de especificidades, contudo, quando nos propomos a pensá-lo dentro de uma linha específica de psicologia, esse desafio se torna ainda mais intenso e carente de um olhar mais apurado. A Gestalt pode ser um desses referenciais úteis ao aconselhamento pastoral, pois permite questionamentos intensos aos padrões mecanicistas de ver a vida e de analisar o ser humano, criando assim um ambiente próprio para o olhar bíblico proposto na primeira parte desse trabalho, sem cair no *psicologismo* nem no *espiritualismo*, procurando dispor aquilo que já foi pesquisado nas mãos do Espírito para o bem da criatura de Deus.

O processo de aconselhamento apresenta características próprias e muito diferenciadas do ambiente de terapia em psicologia, e entre essas diferenças está o fato de que frequentemente o espaço de aconselhamento é continuação de um ambiente que já existe, pois, na maioria das vezes, há convivência anterior entre os envolvidos. Além disso, há o grande fator decisivo que é a fé comum, a visão de mundo construída na mesa estrutura que são os valores cristãos e o desejo de alcançar o mesmo objetivo.

Algumas considerações introdutórias se fazem necessárias, retornando, inclusive, ao espírito apresentado no primeiro capítulo.

1. Conceitos introdutórios

a) **Aconselhamento cristão gestáltico também depende do Espírito Santo;**

Já discutia Agostinho no séc. IV que a santidade da igreja não está nas obras dos homens e sim na presença do Cristo, por seu Espírito, nos dons e sacramentos celebrados. Talvez possamos inferir daí também essa afirmação. Aconselhamento existe no ambiente cristão ou não; aconselhamento cristão existe a partir dos valores cristãos e não

necessariamente de uma dependência do Espírito por causa das verdades do evangelho, entretanto, devemos supor e depender do fato que o Espírito Santo deseja utilizar-se de pessoas no propósito de cuidar uns dos outros, e mais que isso, Ele capacita essas pessoas dando-lhes sabedoria e poder para esse exercício de um modo especial, mesmo sabendo que Ele está em todas as esferas e espaços da criação de uma maneira geral.

Portanto, antes de depender de algum tipo de pressuposto teórico de psicologia, o conselheiro ou conselheira cristãos devem buscar, verdadeira e intensamente, através da comunhão com a Palavra de Deus e a oração, o poder e a orientação do Espírito Santo, para que Ele dirija o processo e se utilize da disposição de quem aconselha e de quem está sendo aconselhado e das técnicas utilizadas nesse processo.

Precisamos valorizar esse momento em que a espiritualidade cristã tem sido retomada como uma forma de suprir a sociedade do vazio existencial em que está inserida, causado pela insuficiência do cientificismo e do capitalismo consumista. Everton Ricardo Bootz aponta para essa necessidade com as seguintes palavras:

Esse poder restaurador é inerente ao processo espiritual da mística cristã. Processo não realizado por nós. Esse poder restaurador vem de Deus, sempre e quando nos dispomos a colocar-nos, humilde e silenciosamente, diante da cruz de Cristo. Por isso a necessidade do resgate teológico da mística cristã. Sua cura não é apenas força psicológica. O pecado não é meramente uma realidade psíquica. O orgulho humano é uma realidade teológica. A cura promovida pela experiência contemplativa é integral por ser poderosamente numinosa. Ela nos liberta das clausuras psicossociais; reconfigura nossa visão de mundo; enche-nos de uma luz de matiz única, embevecida...³⁷

Portanto, não se pode prescindir da espiritualidade cristã em suas várias formas de manifestação no exercício do aconselhamento cristão, ao contrário, ela é hoje, indubitavelmente, uma poderosa aliada no processo de cura da humanidade.

b) Aconselhores são parte importante do processo

Um dos aspectos fundamentais da fenomenologia é o fato de que quando alguém percebe uma realidade, é criado um campo único entre essa pessoa e a realidade pensada.

³⁷ HOCH Lothar Carlos; HEIMANN Thomas,(Orgs) *Aconselhamento pastoral e espiritualidade*. São Leopoldo – EST: Sinodal, 2008. pg 24.

Assim, o encontro no aconselhamento implica necessariamente na criação de um campo entre as duas partes envolvidas no processo, e todos os conteúdos do conselheiro ou conselheira estarão fazendo parte daquela percepção e daquela ação.

Parafraseando Jorge Ponciano Ribeiro: “*O modelo de procedimento psicoterapêutico está em íntima relação com a visão de pessoa, de psicoterapia, de resultados que o psicoterapeuta espera ter na sua relação com a pessoa necessitada, pelo sintoma.*”³⁸

Portanto, a visão de espiritualidade, de igreja, de ser humano, de relacionamento e mesmo de aconselhamento, por parte do conselheiro ou da conselheira; as histórias e os conteúdos gerais deles; a imagem passada até aquele instante do que é um conselheiro ou o que é aconselhamento estarão influenciando intensamente no processo de aconselhamento, pois fará parte do campo construído ali. Por isso, mais uma vez retomamos o aspecto espetacular de positividade do aconselhamento cristão que é expresso na linguagem do apóstolo Paulo: “*há somente um corpo e um Espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação, há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos.*”³⁹

O aconselhamento cristão, especialmente aquele realizado na comunidade, entre seus membros, nesse clima de unidade gerado pelo Espírito Santo, tem grande poder de cura, principalmente em casos como relacionamentos entre pais e filhos, relacionamentos conjugais, stress, desejos suicidas e até mesmo depressão.

A consciência de que um campo se forma entre quem aconselha e quem está sendo aconselhado é de muita importância, principalmente por parte do conselheiro ou da conselheira.

c) Aconselhadores têm de reconhecer a absorver os paradoxos do encontro.

Em muitos instantes o aconselhamento cristão é caracterizado por certa “onipotência” de quem aconselha, considerando sua própria posição e até mesmo a aura religiosa que o circunda. Gary Collins pontua o fato de uma das más motivações que uma

³⁸ RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-terapia de Curta Duração**. São Paulo: Summus, 1999. pg 137

³⁹ BÍBLIA de Genebra. Barueri e São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil e Ed. Cultura Cristã, 1999. Ef 4:4-6.

pessoa pode ter para realizar aconselhamento cristão é a necessidade de fortalecer seu poder na comunidade:

O conselheiro autoritário gosta de “endireitar” os outros, dar conselhos (mesmo quando não solicitados), e desempenhar o papel de “solucionador de problemas”. Alguns aconselhados do tipo dependente podem desejar isto, mas não serão ajudados se suas vidas forem controladas por outra pessoa. A maioria das pessoas, no entanto, irá eventualmente opor resistência a um conselheiro autoritário. Ele ou ela não será verdadeiro ajudador.⁴⁰

Esse é um perigo que sempre ronda quem aconselha, contudo, ninguém fará aconselhamento gestáltico se não tiver coragem de perceber-se inteiramente, inclusive nos paradoxos do que é estar ali, do que é envolver-se com outra história, do que é sentir-se em crise de alguma maneira. Por isso, não há possibilidade de se fazer aconselhamento gestáltico e manter uma postura autoritária

2. Paradoxos

Richard Hycner⁴¹ apresenta alguns desses paradoxos em psicoterapia e quero aqui transportar, no que for possível, para o aconselhamento, acrescentando algumas reflexões a partir do ponto de vista pastoral:

2.1. *Paradoxo entre a subjetividade e a objetividade no processo*

O aconselhamento cristão gestáltico têm essa força de grande expressividade que foi citado anteriormente: a unidade espiritual em que ele acontece. Não é possível prever uma relação indiferente entre aconselhador(a) e aconselhando(a), ao contrário, aquilo que já os une

⁴⁰ COLLINS, Gary R. *Aconselhamento Cristão*. São Paulo, Edições Vida Nova, 1992. p 29.

⁴¹ HICNER, Richard. *De Pessoa a Pessoa: psicoterapia dialógica*. São Paulo: Summus, 1995. p 28-35.

precisa ser potencializado nos encontros de aconselhamento, como instrumento natural do processo da vivência de fé e de tratamento.

O conhecimento técnico em aconselhamento e mesmo em teologia cristã, é muito importantes para que o processo se desenvolva, entretanto, há uma experiência subjetiva, preconizada pela psicologia e inerente à vivência cristã, que precisa ser a base sobre a qual o aconselhamento acontece.

Essa experiência subjetiva permitirá a quem aconselha entrar em contato com o todo único daquela pessoa que se coloca diante de si, permitindo-se percebê-la desse modo: única, inteira, específica, e ao mesmo tempo como uma pessoa em relação, ou seja, é alguém único e que traz consigo toda uma gama de relacionamentos e experiências impressas em sua alma, em seu ser, em seu modo de pensar, perceber e reagir. Acoplado a essa experiência de quem aconselha, no momento do encontro, deve estar seu conhecimento teórico sobre a antropologia bíblica e sobre a psicologia, permitindo, então, que os dois conhecimentos sejam utilizados para ajudar aquela pessoa a se perceber melhor e encontrar novos rumos para sua caminhada.

Em outra obra, Richard Hycner, baseado nos ensinamentos de M. Buber pontua:

“o foco geral da terapia deve ser a entrada no mundo dessa pessoa, a exploração rigorosa dos significados desse mundo e o início da compreensão da pessoa a partir de dentro de sua perspectiva experiencial interna. Do ponto de vista de Buber, cada ser humano é agraciado com a singularidade. Nossa natureza inter-humana – o que temos em comum – entrelaça-nos na comunidade, contudo, também somos cada um existencialmente únicos, somente um desse tipo, em determinado tempo, igual a nenhum outro. Esse ser único provoca uma resposta única de todos que estão ao redor e isso contribui para os significados totalmente únicos de suas experiências.”⁴²

Perceber essa pessoa como única que é e de maneira própria daquele encontro é fundamental para que seja criado um ambiente recuperador. Isso não é simples. Corremos o risco de cair na falácia de considerarmos simples, mas não é, pois somos tendentes a ser dominados por um dos pólos (subjetividade e objetividade), sem valorizar a unicidade daquele encontro, e nos deixarmos conduzir por essa tendência, tirando assim, um grande potencial para o trabalho.

Acrescenta-se aí a necessidade de estar, perceber, experienciar e ao mesmo tempo manter a distância suficiente para não sair do processo e ainda assim refletir em profundidade

⁴² HYCNER, Richard. *Relação e Cura em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus. 1997. p. 122.

o que está sendo experienciado naquele instante por quem está sendo aconselhado(a). Nesse ponto, quando o assunto diz respeito a algum pecado, é muito importante que o(a) aconselhador(a) dispa-se de seus pressupostos moralistas-proféticos-institucionalistas, se desprendendo de qualquer sentido punitivo e assumindo uma postura absolutamente pastoral, poimênica, restauradora, que lhe permita encarar sua própria avaliação, experimentando no peito o que aquela pessoa sente naquele momento e ainda assim conseguir o espaço para a reflexão distanciada daquela situação e de todo o campo que a envolve. Logo, é um grande desafio que inclui não apenas aspectos práticos, mas também valores, conceitos, padrões.

2.2. *Aconselhamento: crescimento ou adaptação institucional?*

Em Hycner há uma avaliação sobre o dilema entre psicologia como ciência ou arte, considerando o corpo de conhecimento geral que deverá ser aplicado ao particular da unicidade de cada indivíduo. No espaço de discussão de aconselhamento há outro dilema, que é até onde quem aconselha, especialmente se ocupa um cargo oficial na igreja, tem como foco o crescimento da pessoa que se apresenta buscando ajuda ou se apresenta como representante da instituição no encontro que ali acontece.

Se a postura for de quem representa, defende e promove a instituição mais do que o crescimento da pessoa, certamente encontrará um terrível paradoxo, pois sabe do dever que tem em relação à instituição, mas também sabe que isso pode bloquear a liberdade de expressão da pessoa e, conseqüentemente, atrapalhar o propósito para o qual se encontraram.

Nesse sentido, creio ser muito importante uma perspectiva poimênica clara no coração de quem atende, construída com a lógica de alguém que ouve e se apresenta absolutamente consciente dos limites naturais do humano, pois o princípio bíblico que inicia o Sermão do Monte é: “*Bem-aventurado os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus*”(Mateus 5:7)⁴³. Essa humildade pode ser o *humus* que produz uma relação amorosa com o outro e consigo mesmo e nessa relação é que está todo o potencial de cura que aquele encontro tem.

⁴³ BÍBLIA de Genebra. Barueri e São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil e Ed. Cultura Cristã, 1999.

Creio que se o aconselhador ou a aconselhadora quiserem fazer o trabalho numa perspectiva gestáltica terá de se definir pela pessoa atendida, pois ela se sentirá encontrando uma pessoa e não uma instituição, e, seguindo o raciocínio de Buber, só haverá crescimento no encontro entre pessoas, na relação EU-TU e não na relação EU-ISSO.

Há que se considerar a tendência de quem trabalha com seres humanos de não encarar o outro se apresentando com seu *self*, pois também vive suas inseguranças e também tem suas *gestalts* inacabadas, sendo que estas podem vir à tona no encontro. Isso exigirá de quem aconselha uma clara percepção de si mesmo, já que certamente, em vários momentos, encontrará consigo mesmo na pessoa que está diante de si, ou seja, é alguém ferido no encontro com outro alguém ferido.

É uma luta tão importante porque, basicamente, o *self* do terapeuta é o ‘instrumento’ que será utilizado na terapia. O ‘instrumento’ precisa ser mantido ‘afinado’ para responder aos ritmos constantemente mutáveis do encontro humano. No processo de cura, a orientação teórica do terapeuta não é tão crucial quanto a inteireza e a disponibilidade do *self* do terapeuta. Só então pode haver o encontro de *self* com *self*. Nesse encontro engendra-se uma inteireza no cliente que estava ausente do encontro.⁴⁴

Portanto, não se pode negar a necessidade de uma presença profissional, contudo, essa presença não pode formalizar a ação e engessar algo cuja eficácia acontece na espontaneidade.

2.3. Paradoxo entre conversa informal e ambiente de aconselhamento.

O ambiente eclesial é ambiente de várias facetas e espaços. É comum nos encontrarmos em vários instantes e situações diferentes, mas quando estamos em processo de aconselhamento precisamos manter um ambiente propício àquela situação. É natural que ali vivamos a comunhão que já é característica da vida comunitária, entretanto, precisamos diferenciar dos outros espaços e momentos que nos são comuns.

Primeiramente, não podemos negar que o espaço precisa ser delimitado. Local, horário, tempo de duração, frequência de encontros são aspectos importantes para que se

⁴⁴ HICNER, Richard. *De Pessoa a Pessoa: psicoterapia dialógica*. São Paulo: Summus, 1995. p 30-31

tenha a formalidade mínima necessária. É comum que pastores ou pastoras e, principalmente, leigos ou leigas, tenham certa dificuldade em *formalizar* esses encontros, como se isso fosse pedante ou específico para quem é profissional. Porém, é importante frisar que isso dá um espaço de liberdade de atuação muito maior tanto a quem fala como a quem ouve, permitindo assim uma maior fluidez do assunto.

Em segundo lugar, é preciso que se faça uma diferença entre *dar um conselho* e *processo de aconselhamento*. É comum na vida comunitária que alguém procure outra pessoa para pedir opinião quanto a algo específico e isso seria apenas um *conselho*, mas, há situações que exigem mais do que apenas isso. É preciso que o aconselhador ou aconselhadora avalie com muito cuidado e carinho se aquele assunto é caso para um acompanhamento mais especializado e profissionalizado, se é caso para um acompanhamento em aconselhamento ou qual outro caminho poderá ser seguido.

Caso se conclua que há necessidade e possibilidade de um trabalho de aconselhamento, uma conversa pode ser estabelecida e um plano de metas pode ser traçado para que se deixe claro o que poderá ser feito entre eles. Não precisa ser algo formal no sentido de escrever, assinar ou coisa parecida, entretanto, é possível que se crie um referencial que será seguido, como os citados acima e outros que permitam fazer uma avaliação no final do que foi alcançado, como é o caso de quantos encontros terão pela frente para conversar sobre aquele assunto.

Em terceiro lugar, é preciso que o processo seja conduzido de tal maneira que haja um esforço das duas partes em utilizar-se dos recursos possíveis e necessários para permitir o crescimento da pessoa. Como o aconselhamento cristão pressupõe um ambiente religioso, e como já sabemos que o conteúdo religioso ali não é uma realidade castradora, é possível se utilizar dele para ajudar o processo e alcançar os objetivos propostos.

Em quarto lugar, é preciso perceber o que está acontecendo naquele instante, quais são as necessidades do aconselhando, sem se preocupar tanto com as outras realidades de fora daquele espaço e daquele momento, criando assim uma totalidade, um encontro real entre pessoas que se percebem e se predispõem a estar diante de Deus para um tratamento do que vai surgindo em cada sessão.

Em quinto lugar, quando olhamos as coisas dessa forma, vamos percebendo que há necessidade de se trabalhar a função ou o ministério de aconselhador ou aconselhadora, que já é algo inerente ao papel pastoral, mas nem sempre ainda claro no caso dos leigos e das leigas. O exercício formal do aconselhamento também irá permitir uma melhor definição dessa ação no Corpo o que, indubitavelmente, gerará um ambiente melhor para que os encontros sejam conversas informáveis, mas não seja apenas isso.

3. Aqui-e-agora

Um dos princípios mais importantes na Gestalt é também um dos mais difíceis de ser trabalhado, pois a tendência natural das pessoas é falar de seu passado, além disso, outras escolas de psicologia tiveram grande influência sobre as pessoas e os conselheiros e conselheiras cristãs também tendem a buscar no passado a explicação e a solução de todos os problemas.

Uma boa sugestão é que o conselheiro ou a conselheira ajude a pessoa a aprender refletir no tempo presente: *o que você está sentindo agora que está falando sobre isso? Que necessidade surge em tua consciência agora?* A idéia é ajudar a pessoa a perceber aquilo no presente, para que possa desmontar o jogo psicológico que a faz repetir os mesmos dramas originados em situações do passado.

É muito importante que quem aconselha compreenda que a tendência da pessoa é fazer essa repetição dos dramas não porque quer simplesmente, mas porque imagina que conseguirá reparar aquela situação inacabada do passado, porém, termina por conseguir sempre a mesma resposta, gerando então o processo de repetição.

Ajudar a pessoa perceber esse ciclo, esse movimento, esse padrão, lhe dará condição de compreender como tem sido sua prática no cotidiano e assim decidir se deseja manter aquele padrão ou não.

“São as respostas estereotipadas que nos mantêm presos no ‘como se’ do passado. O que temos que descobrir para libertarmos não é o ‘porquê’ de nossa infelicidade, mas sim o ‘como’ construímos essa infelicidade no presente e ‘para quê’ o fazemos.”⁴⁵

No caso de aconselhamento de casais esse processo acontece com muita naturalidade, pois os indivíduos tanto trazem histórias das casas de seus pais quanto dos primeiros anos de seus casamentos. Percebendo ou não, essas são forças atuantes em seu campo e estão presentes, ainda que tenham acontecido num passado remoto de suas existências.

Ajudá-los perceber como estão reagindo no presente a um padrão que se percebe repetitivo é fundamental para que entendam como vivenciam aquilo em seu dia a dia, e, então, como estão construindo um padrão negativo de convivência. Isso os ajudará a tomar uma nova decisão em suas vidas, caso assim o desejem.

Voltamos, assim, não apenas no aconselhamento de casais como também no de indivíduos, ao conceito de que o foco não está num conteúdo escondido (inconsciente) e sim no conteúdo patente, palpável, presentificado, pois esse é o material de trabalho experimentado no processo de aconselhamento.

4. Tomando Consciência

Não será possível um crescimento ou tomada nova de posição se a pessoa não tomar consciência do que realmente tem vivido em seu campo de experiência. Creio que é muito ilustrativo ao aconselhamento cristão a narrativa apresentada da crise depressiva vivida por Elias no Primeiro Livro dos Reis. Ao encontrar-se com Deus, uma questão lhe provoca essa percepção “*Que fazes aqui, Elias?*” (I Re 19:9)⁴⁶. A pergunta provocou essa percepção da consciência e verbalização da mesma de Elias e para ele mesmo, ajudando-o a ter uma noção real de seu estado

⁴⁵ SPANGENBERG, Alejandro. *Gestalt Terapia: Um caminho de Volta para Casa*. Campinas/SP. Ed. Livro Pleno – 2007. p. 36

⁴⁶ BÍBLIA de Genebra. Barueri e São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil e Ed. Cultura Cristã, 1999.

Talvez seja essa a mesma situação provocada por Deus na busca de Adão após a queda: *onde estás?*(Gn 3.9)⁴⁷. Adão precisava responder para si mesmo onde estava integralmente naquele instante de sua existência. Era importante que se percebesse naquele contexto específico, que entendesse tudo o que envolvia a decisão que tinha tomado.

Assim, no aconselhamento cristão gestáltico é importante que quem aconselha promova um clima que facilite uma consciência ampla de todo o campo que o envolve, incluindo seu ser interior, seus pressupostos teológicos e seu meio ambiente.

Aqui vale a pena enfatizar que aquilo que se crê certamente influencia as reações psicológicas dessa pessoa. Além do mais, lembramos que o Aconselhamento Cristão é parte do trabalho de educação cristã, pois visa trazer sempre essa pessoa ao estado de comunhão com seu Criador, como centro de harmonização integral.

É verdade também que, dependendo da forma como uma pessoa vivencia sua religiosidade, ela pode experimentar disfunções que lhe atrapalhem em um desenvolvimento saudável, passando, então, por desarmonia ao invés de harmonia. Paulo Dalgalarondo apresenta um comentário sobre isso:

Segundo Pruyser (1977) argumenta, há evidências de que a religião pode ser usada para racionalizar ódio, preconceito e discriminação. A religiosidade exacerbada pode ser encontrada em pessoas especialmente tendentes à dependência, culpa excessiva, perfeccionismo, pensamentos obsessivos e ansiedade. Esse autor também sustenta que alguns grupos de pessoas religiosas podem ter excessiva expectativa em relação a si mesmos e aos outros e tendem a excluir ou depreciar aqueles cujas crenças ou modos de vida difiram muito dos deles.⁴⁸

Na seqüência desse comentário, ele apresenta muitos outros dados resultados de pesquisas quanto à relação entre doença mental e religião. Como não é uma ênfase essa pesquisa aqui, não me delongarei, contudo, pontuo a necessidade do conselheiro ou da conselheira ter consciência ampla de como a pessoa se relaciona com sua religiosidade e, então, ajudá-la perceber como seus pressupostos teológicos podem ser utilizados como força atuante sobre aquela situação, tanto no sentido positivo quanto no sentido negativo. Infelizmente tem sido comum vermos pessoas se utilizando de pressupostos teológicos para justificar ou motivar práticas que lhe são prejudiciais e isso precisa ser revisto.

⁴⁷ BÍBLIA, 1999.

⁴⁸ DALGALARRONDO, Paulo. *Religião, psicopatologia e Saúde Mental*. Porto Alegre: Artmed, 2008. Pg 188.

5. Princípio do particular para o geral

Tendemos partir da idéia de que aquilo que acontece com outras pessoas serve de regra para todas as outras e ao aconselhar corremos o risco de propor isso. A gestalt, assim como a teoria rogeriana, nos chama para a proposta de que precisamos olhar cada pessoa a partir de sua própria experiência. Alejandro Spangenberg diz o seguinte sobre isso:

os sintomas universais que um determinado paciente apresenta nos falam de sua singularidade, onde uma parte de sua totalidade está se expressando através de sua sintomatologia. E seus sintomas não o definem, da mesma forma que uma árvore não define um bosque. Muito pelo contrário, só a compreensão do bosque a que pertence essa árvore pode ajudar-nos a entendê-la.⁴⁹

Mesmo as experiências de personagens bíblicos exigem um cuidado ao serem citadas, pois são experiências históricas, individuais, vividas num momento específico e, em muitos casos, frutos de relacionamentos que só aquela pessoa teve com Deus. É óbvio que essas histórias ficaram registradas e chegaram até nós para que fossem observadas, contudo, no aconselhamento, principalmente, os conselheiros e as conselheiras precisam tratar isso com muita delicadeza e cuidado para que sirvam como estímulo a tomadas de posições, e não necessariamente a uma tentativa de reproduzir essas experiências na vida particular.

Nos casamentos é comum encontrarmos conflitos estabelecidos pelas comparações feitas por cônjuges com outras pessoas de fora, o mesmo acontecendo de pais com filhos, o que em si é comum, mas indevido, contudo, chamamos atenção aqui especialmente para o cuidado que deve ter a partir de quem está aconselhando, pois isso pode impedir o contato da pessoa com seu próprio centro de auto desenvolvimento.

É útil no aconselhamento gestáltico que a pessoa se experiencie no lugar da outra pessoa deseje, ou seja, que ela seja colocada para falar como se fosse a outra pessoa, e assim experimente como é estar naquele lugar. Assim, o importante será o que sente ao se colocar naquela posição, e não o valor da posição em si.

Portanto, quem quer trabalhar com aconselhamento gestáltico cristão precisa cuidar para não fazer da experiência individual um conjunto de padrões que sirvam para o outro.

⁴⁹ SPANGENBERG, Alejandro. *Gestalt Terapia: Um caminho de Volta para Casa*. Campinas/SP. Ed. Livro Pleno – 2007. p.24

6. Polaridades

Este é um conceito extremamente útil ao aconselhamento cristão, principalmente quando se prioriza o crescimento pessoal de longo prazo.

Ao apresentar uma dificuldade, a pessoa geralmente vem com um ponto de referência que o permite iniciar sua percepção. Esse ponto de referência certamente já a serviu em outras análises e em outras situações e isso está tão identificado com seu modo de ser e de pensar que ela tende a se definir daquela maneira: “*sou frágil*”, “*sou radical*”, “*sou racional*”. Com estes paradigmas definidos, a pessoa já se cobra um comportamento pré definido e até mesmo as outras pessoas já esperam assim.

Com o tempo aquilo que chamamos de característica de personalidade pode se tornar uma prisão de personalidade, ou seja, é um paradigma que não permite o olhar para a possibilidade oposta àquela, ou seja, uma outra forma de se comportar e que pode ser mais adequada a uma situação específica.

Ninguém precisa ser racional em todas as situações todo o tempo. É possível que a pessoa aprenda entrar em contato com suas emoções e entender que nem tudo precisa ser analisado daquela maneira que sempre esteve acostumada.

Creio que um dos bons exemplos bíblicos disso é o próprio Cristo. Sempre se apresenta com o amor carinhoso e complacente com o pecador humilhado e arrependido (*mulher adúltera, por exemplo*), mas de maneira extremamente dura com os religiosos hipócritas que gastam mais tempo cuidando das regras religiosas que eles criaram do que com a essência do Senhor para a humanidade; estava disposto a ressuscitar mortos por amor à dor das pessoas (ressurreição do filho da viúva de Naim), mas tinha disposição de pedir ajuda e apoio a seus discípulos no instante de sua dor.

Portanto, podemos ajudar as pessoas a explorarem suas polaridades opostas como sendo parte do seu ser e como grande potencial de expandir-se como pessoa e reposicionar-se diante das situações, pois, apesar de contraditórias, essas experiências são complementares.

A necessária busca de equilíbrio não pode satisfazer-se com um perpétuo reajustamento homeostático – portanto *conservador* – que não pode tender a não ser

para o 'injusto meio', espaço mítico, sombrio e apertado, castrador de iniciativa e de novidade. O equilíbrio de todo ser vivo é uma combinação dinâmica de mecanismos de vida e de sobrevivência, assegurando a 'mudança na continuidade'.⁵⁰

Portanto, podemos estimular o contato da pessoa com seus potenciais e, a partir daí, ajudá-la a utilizar-se desses potenciais em outras áreas e em outros momentos.

Uma das boas utilidades desse princípio é no aconselhamento a casais, pois podemos colocar uma pessoa para dialogar com sua outra polaridade e experimentar como seria sua reação caso se utilizasse dela no relacionamento. Ao mesmo tempo, podemos colocar a outra pessoa para conviver com aquela polaridade e perceber como seria a reação. Depois que isso está bem treinado, os dois podem ser colocados no mesmo espaço e fazer o experimento.

Obviamente isso não pode ser visto como determinativo, mas sim como uma experiência laboratorial para ajudar explorar as possibilidades de recursos na resolução de conflitos e na tomada de novas posições.

7. Direito à Diferença

Um dos grandes fundamentos da Gestalt é o direito que cada pessoa tem ao seu jeito de ser como único e específico. Ginger cita Arnold Beisser: "*Sou eu que confiro um sentido a cada ato de minha vida e, se desejo mudar, é permanecendo eu mesmo, eu mesmo de outra maneira, e não um outro que não sou eu.*"⁵¹ Assim, quem está trabalhando com aconselhamento cristão gestáltico precisa deixar claro, a si mesmo em primeiro lugar, e ao aconselhando ou aconselhanda, que não estará trabalhando para que se transforme em outra pessoa, ou que se pareça com a personagem A ou B.

Ajudar a pessoa sentir-se responsável por suas próprias mudanças e a se perceber como alguém, como ser individual, como ser em crescimento é fundamental para que o aconselhamento propicie um desenvolvimento integral dela. É esse olhar para si mesmo e o

⁵⁰ GINGER, Serge. *Gestalt, a arte do contato: nova abordagem otimista das relações humanas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 195.

⁵⁰ GINGER, 2007. p. 192

seu desejo de se construir enquanto indivíduo que poderá lhe ajudar na busca por um crescimento factível.

Não há possibilidade nem necessidade da pessoa viver tentando se comparar nem se transformar naquilo que o outro espera dela, a começar do conselheiro ou conselheira. Algumas pessoas passam grande parte de sua vida tentando ser aquilo que seus pais esperaram, com isso, aprenderam trocar satisfação ao outro por carinho e afetividade. Ao longo do tempo foram desenvolvendo uma maneira de se anularem para serem aceitas e assim desenvolveram um padrão que as prende.

O aconselhamento pode ajudar essas pessoas perceberem o mecanismo em que foram inseridas e, então, tomarem a decisão de se verem de forma distinta, de se comportarem de forma autônoma, de conseguirem afetividade do modo que são, sem terem de tentar satisfazer expectativas negando seu próprio eu.

Um material de trabalho prático nesse sentido é fazer a pessoa desenhar aquilo que seria ela mesma, a autêntica, a diversa, a distinta e escrever ao redor da folha quais são suas características. Depois de terminado, pode se perguntar a ela como se sentiu ao desenhar e ao refletir essas características, e como se sente no instante da reflexão. Qual é a atitude do seu interior à essa pessoa? Quais os ganhos que ela lhe traz? Quais os medos? O que fazer para encarar esses medos e transformá-los em energia positiva?

8. Alguns Passos para a Prática de Aconselhamento Cristão Gestáltico

8. 1. Promover percepção ampla da realidade

Quando uma pessoa vem procurar ajuda na comunidade já traz consigo o grande potencial de consciência da importância dela em sua vida, entretanto, é comum que ela venha envolvida de tal maneira numa situação específica, que não perceba todas as realidades envolvidas em torno daquela situação.

É preciso, primeiramente, que ajudemos a pessoa a ver tudo o que a traz ali. Quanto mais lhe damos oportunidade de relatar o seu todo, mais ampla irá ser sua percepção e consciência de tudo e de todos que estão na questão.

Como vivemos em comunidades, seja a familiar, seja a religiosa, ou mesmo o grupo de trabalho, é preciso que a pessoa perceba, inclusive, como a comunidade como um todo pode estar envolvida ou como pode participar do processo de alívio ou cura.

Além de ver, precisamos ajudar a pessoa a observar todos os aspectos envolvidos. Por mais claro que a história possa parecer naquele tempo, ela pode parar com tranquilidade e observar todos os detalhes envolvidos, desde aquilo que a Palavra de Deus aponta até mesmo aquilo que parece mais viável naquela compreensão.

Depois de ver e observar, é natural conhecer e fazer conhecido para a própria pessoa qual é realmente a situação. Será esse conhecimento que a permitirá verbalizar aquilo que está entendendo e, assim, ser compreendida em todo o processo.

Integrar tudo o que viu, observou e entendeu no todo pode dar à pessoa dois aspectos muito importantes para o aconselhamento cristão: visão integral da realidade e esperança de transformação.

Quando o aconselhamento está sendo realizado com casais, é preciso que os dois entrem e passem por cada um desses processos, pois as percepções da realidade feitas por cada um, além de ser diferentes, podem ser tão parciais que pode parecer estarem em outro campo que não um mesmo casamento. Esse entendimento claro, amplo e comum do presente pode ser a base de uma intervenção deles na transformação da situação para a qual procuraram ajuda. Everett Worthington apresenta um comentário interessante sobre a importância do entendimento:

Os casais precisam entender como as intervenções afetam seu amor, sua fé, sua atuação e sua esperança. Casais não deveriam simplesmente ser manipulados para mudar. O conhecimento da base mais ampla por trás da mudança afetará a motivação dos aconselhados para aplicar as medidas de mudança depois que o aconselhamento terminou. Em algumas abordagens tradicionais de aconselhamento matrimonial, muitas intervenções podem ser feitas sem que os aconselhados entendam a razão da intervenção. De um modo geral os aconselhados cooperam melhor quando entendem como as intervenções contribuem para os objetivos deles.⁵²

⁵² WORTHINGTON, Everest J. *Casamento: ainda resta uma Esperança*. São Paulo. Editora Sepal. p. 20.

Como a Gestalt considera o profissional parte integrante do processo que está estabelecido, é necessário que o aconselhador ou aconselhadora deixe claro que percebeu a realidade como quem está sendo aconselhado ou aconselhada, ainda que tenha percebido de forma diferente ou alguns aspectos a mais, pois a manifestação de compreensão ajudará na coragem para novas ações.

Na grande angústia vivida pelo profeta Elias, uma das técnicas utilizadas por Deus para tratá-lo foi ajudá-lo entender que a percepção que estava tendo da realidade não era verdadeira, pois ele não estava só como estava percebendo, e ainda havia sete mil pessoas sem dobrar seus joelhos a Baal (I Re 19).

O aconselhamento cristão não nega e nem maquia a realidade, mas ajuda a pessoa ter uma percepção real da situação para que possa agir nela, e agir a partir da compreensão que tem de quem é Deus e de como atua constantemente no sentido de transformar uma situação de calamidade em situação de esperança e mudança.

8.2. Promover um experienciar do aqui-e-agora como uma totalidade

É comum que as pessoas tragam para o aconselhamento toda uma carga de passado com profundas conseqüências no presente. Especialmente em nosso meio religioso freqüentemente embarcamos nesse processo e exploramos o passado como algo que lá ficou. Como já vimos no capítulo anterior, o passado tem importância sim, contudo, precisamos ajudar as pessoas perceberem como esse passado afeta o presente e como o estão experienciando no presente.

No caso dos casais então isso é ainda mais forte. Muitos fatos do passado podem ter um grande peso no presente e nem sempre são valorizados assim, especialmente pelos homens, fazendo com que não tenham clareza de que seus conflitos de hoje têm uma causa clara, que é o fato de energias do passado permanecerem presentes em seu dia a dia.

É papel de quem faz aconselhamento gestáltico ajudar as pessoas perceberem melhor a energia atuante no presente, no aqui-e-agora, seja ela fruto do passado ou só do presente. É

essa energia que se torna força atuante com alto poder destrutivo (e precisa ser combatida) ou com alto poder construtivo (e precisa ser incorporada).

O que está envolvido hoje naquela situação precisa ser visto, observado, entendido e manipulado pela pessoa, pois esse é, na verdade, o único material disponível a ela.

Ela precisa entender que a emoção vivenciada no presente é seu grande material a ser transformado e é seu grande material transformador, e suas necessidades serão supridas exatamente nessas emoções. Portanto, é preciso que se observe todos os elementos envolvidos naquela situação e quais as emoções que elas despertam, facilitando uma atuação no aqui-e-agora de maneira mais eficaz.

O Antigo Testamento, em Esdras 3:10-13, apresenta uma linda história de reconstrução do templo.⁵³ Nessa história havia um grupo feliz cantando e se alegrando pelas bases lançadas para a nova construção, percebendo tudo o que aquilo representava naquele momento histórico. Eram pessoas que compreendiam a energia presente como algo que estava à sua disposição para se reconstruírem como povo, entretanto, havia um grupo sofrendo e chorando porque aquela construção era menor do que a anterior. Seu olhar estava preso no passado como algo tão bom que elas não conseguiam vivenciar o positivo da experiência presente.

Assim, algumas pessoas transformam o passado num bode expiatório de tudo o que lhes acontece, esquecendo que as coisas más do passado são más, mas são passado, e outras que transformam o passado num paradigma referenciador de tudo o que deverá ser vivido daí então, esquecendo que o passado bom foi bom, mas é passado.

Ela pode se voltar para o presente e perceber o potencial que tem à mão para se trabalhar e trabalhar o seu ambiente. É nesse potencial presente que está toda a sua matéria prima de transformação. Assim, o aconselhamento pode possibilitar uma maior integração entre o conhecimento que a pessoa tem do passado, as expectativas que ela tem do futuro e as percepções que tem do presente como um espaço privilegiado do hoje, do aqui, do agora para ser transformado.

⁵³ BÍBLIA, 1999.

Na conversa de Deus com Elias, no auge de sua crise existencial depressiva, em que achava que tudo tinha terminado, Ele o trata chamando atenção para o fato de que não está só e há uma série de atividades que precisava ser desenvolvidas no hoje. Era importante que Elias compreendesse sua utilidade ministerial naquele tempo da história do povo de Deus. Nessa utilidade ele encontraria motivação suficiente para perceber que nem tudo tinha acabado, como era sua percepção.

Nos aconselhamentos de casamento, é muito importante que a experiência passada dolorida seja refletida como algo ensinado para o presente. O conselheiro ou a conselheira deve ajudar as pessoas a não focarem os fatos passados como algo a ser ressuscitado, mas quais as lições e sentimentos que se experimenta no presente daquela situação. Quando a experiência passada é positiva, o casal pode ser ajudado a trazer para o presente a emoção daquele momento, sem tentar trazer a experiência daquele momento. Talvez seja possível a pessoa vivenciar algum momento já vivido para que volte a vivenciar a emoção.

Com isso, é possível que o presente passe a ser considerado o grande conteúdo, tirando as pessoas da prisão do passado ou mesmo da irrealidade do futuro e ajudando-as a se sentirem responsáveis e capazes de atuarem no presente.

Aquilo que se vivencia agora está dentro do campo de atuação da pessoa com a realidade. Esse é o seu todo e esse é o todo que precisa ser vivenciado.

8.3. Ajudar a pessoa a se perceber como unidade singular

Um dos desafios do aconselhamento em geral, e no aconselhamento cristão gestáltico isso não é diferente, é a pessoa se perceber inteira, entendendo que há partes de si deixadas pelo caminho, mas que também há completude nesse conjunto.

Creio ser muito importante acrescentar aqui a visão de Howard Clinebell sobre integralidade, pois evidencia alguns aspectos formativos da personalidade em relação ao seu todo, ou seja, ao mesmo tempo em que aponta para uma situação individual, o faz na

perspectiva de que essa individualidade atua, interage, se relaciona e o faz de forma única, como já vimos anteriormente. Nessa perspectiva o aconselhamento cristão visa:

- a) ...avivar nossa mente – implica desenvolver nossa mente...para pensar, sentir, experimentar, imaginar e criar.
- b) revitalizar o corpo. Isto significa aprender a experimentar e desfrutar o próprio corpo mais plenamente, e a usá-lo de modo mais eficaz e amoroso.”
- c) Ajudar as pessoas a reparar, renovar e enriquecer sua rede de relacionamentos de apoio...Nossas personalidades humanas são formadas, deformadas e transformadas em relacionamentos. Tanto a cura quanto o crescimento dependem da qualidade de nossos relacionamentos significativos.
- d) libertar nosso relacionamento com a biosfera aumentando nossa comunhão e cuidado ecológicos.
- e) libertação, cura e crescimento a nível institucional-social...A poimênica e o aconselhamento pastoral deveriam incluir conscientização, com a finalidade de tornar as pessoas mais conscientes das raízes sociais de sua dor e quebrantamentos individuais... A poimênica e o aconselhamento deveriam ter como objetivo libertar, motivar e potencializar as pessoas a trabalhar com outras no sentido de fazer de nossas instituições lugares onde a integralidade seja melhor fomentada em cada pessoa.
- f) crescimento espiritual – cruza as outras cinco e é seu vínculo unificador. A chave para a floração humana é um relacionamento aberto, confiante, nutriente e cheio de alegria com o Espírito amoroso que é a fonte de toda vida, cura e todo crescimento.⁵⁴

É muito importante que no aconselhamento consigamos mostrar à pessoa essa percepção da vida como um todo, formado por partes que devem ser reconhecidas e valorizadas, compreendendo que a harmonia entre essas partes é que dão ao indivíduo a realidade de saúde integral. Quando uma dessas partes se desarmoniza o todo é mexido e provoca desarmonia também.

No caso dos casais em aconselhamento, é preciso que se olhe individualmente como essas áreas funcionam, mas também chamar atenção para como o casal experimenta a vivência nessas áreas. A emocionalidade, a sexualidade, a relacionalidade com pessoas fora do casamento, a consciência de vida em casal no espaço ecológico em que está inserido, a conceituação e relacionamento com a noção de instituição e vida em sociedade e a maneira que o casal se relaciona com Deus... tudo isso é muito importante para que um casal se perceba, pois descobre que cada momento vivido individual e conjugalmente está inserido num universo de realidades intra e inter influenciadoras.

Portanto, é necessário que no aconselhamento cristão gestáltico a pessoa seja levada à avaliar o funcionamento de cada aspecto desses, a energia que está sendo gasta com cada um e a importância que ela dá ao todo de sua existência.

⁵⁴ CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. São Leopoldo: Sinodal, 1987. p 30-32.

Mas temos de considerar também que internamente cada pessoa apresenta partes que precisam ser percebidas, reconhecidas e valorizadas, especialmente percebendo quais dessas áreas deixaram de receber investimentos, quais tem sido deixadas para o passado ou em segundo plano, enfim, é uma forma de resgatar a visão de unidade que aquela pessoa precisa, observando-a não a partir do sintoma que apresenta, mas do seu eu, do seu todo, do seu ser enquanto pessoa, já que não é o sintoma que está buscando ajuda e sim a pessoa.

Ao mudar o foco das partes sintomáticas, a pessoa pode dar uma atenção para as partes sadias e a partir delas trabalhar sua própria recuperação, saindo do possível círculo vicioso que pode prendê-la num padrão desanimador, fazendo com que perca as forças para batalhar e mudar. Entender a necessidade de celebrar a vida e utilizar-se das partes sadias para esse propósito pode ser uma boa ajuda para rever as situações presentes.

Outro aspecto muito importante que pode ser chamado para o foco, e o fato de estar em aconselhamento já é um bom sinal, é que a pessoa pode utilizar-se dessa vida em comunidade que a igreja providencia, e encontrar pessoas que servirão de nutridoras, assim como quem está aconselhando se apresenta como tal. Isso além de cumprir com o papel emocional de apoio e crescimento mútuo (quem cuida e quem é cuidado), providencia um bom clima espiritual de ter no Corpo (Igreja) esse centro de cura que chamei atenção no primeiro capítulo.

Todos esses aspectos apontam para a necessidade que a pessoa (ou pessoas, no caso do casamento ou vida familiar) tem de perceber cada aspecto de sua existência em relação com outros aspectos internos e externos, compreendendo assim que a influência entre uns e outros é inevitável e, portanto, ao se perceber, descobrir novas formas de se avaliar e se reorganizar.

Nessa percepção de unidade com um todo, a pessoa pode mudar a ênfase de perceber o sintoma e redistribuir a energia gasta com aquela situação.

8.4. Cada pessoa ser compreendida e compreender-se como “uni-verso” em relação.

A Gestalt valoriza imensamente o fato de que cada pessoa é um uni-verso, ou seja, é um fenômeno, um organismo, uma realidade única que se manifesta no aqui-e-agora de maneira específica. Essa consciência do que se é e de como se manifesta através da experiência do momento é fundamental para que a pessoa perceba e se perceba no contato que faz com as coisas e com as pessoas, tornando-se, assim, mais *aware*, mais consciente do ser e do estar na relação com seu meio, com sua realidade, com seu todo.

É importante que o aconselhamento ajude a pessoa se perceber dessa maneira, pois isso lhe potencializará a descoberta de sua atuação consciente e responsável do que se quer e do que se decide.

Nesse sentido podemos lembrar a visão do apóstolo Paulo de ver o humano como *feitura de Deus*, “*poiéo*”, *poema de Deus*. Cada pessoa precisa, ser visto como esse poema inacabado de Deus que está sendo feito, que é, e que está sendo lido, visto, admirado, refletido. Ela é assim, ser que pensa, sente, fala, age e o faz de maneira única, especial. É preciso que se perceba assim, integrando cada aspecto desse e ampliando sua autoconsciência e seu valor no espaço em que se movimenta.

Sempre que imaginamos a realidade do paraíso na figura de Adão e Eva há um aspecto de grande importância: antes do pecado não se percebe uma separação como vemos depois entre eles e entre eles e o meio. Creio que essa é uma saudade da alma humana e podemos ajudar as pessoas a entrar em contato com essa dimensão. Estar em contato com seu meio através dos seus sentidos de maneira consciente, “tocando” a realidade, experimentando o momento, se sentindo um com o ambiente, tendo, assim, a noção de que faz parte desse poli-verso que se faz uni-verso.

O espaço em que a visão de mundo acontece não é na transcendência, ela acontece na imanência física, no corpo, no lugar onde o Espírito Divino faz morada, espaço que precisa ser cuidado, amado e admirado. Precisa estar claro no processo de aconselhamento gestáltico cristão essa valorização do corpo como realidade de contanto com a realidade externa. A unidade com a criação se dá a partir desse referencial que é o corpo.

A igreja cristã, por influência platônica tendeu ao longo dos séculos minimizar o corpo como sede santa, lugar, palco, sítio onde aquele organismo chamado homem interage. Por isso, é importante uma visão pedagógica no processo de aconselhamento, pois é da natureza do cristianismo um bom relacionamento com o Corpo para que essa visão de unidade com os demais aspectos seja consolidada.

Portanto, é fundamental que o aconselhamento cristão gestáltico seja praticado com uma visão conceitual minimamente claro do que é o ser humano para que se possa trabalhar como o objetivo de promover esse humano, de conduzi-lo ao centro do seu próprio existir, respeitando o outro em sua inteireza e unicidade, para, então, também ser respeitado. Ao assim fazermos, estaremos colaborando para que pessoas cresçam e se experimentem como ser significativo nesse mundo.

CONCLUSÃO

Trabalhei aqui com alguns conceitos de grande importância para nosso tempo e nosso meio que é a igreja: aconselhamento cristão gestáltico. Cada conceito apresentado traz consigo uma série de efeitos e potenciais indescritíveis num espaço tão pequeno, mas que, somados a outros trabalhos já escritos e tantos outros que virão, podemos ampliar isso tudo e colocar a serviço do bem comum.

Aconselhamento é uma arte em desenvolvimento e que nunca se completará, pois acontece entre humanos e estes são seres incompletos e em constante movimento, portanto, estarão sempre precisando compreender e serem compreendidos. Daí a constante necessidade de aconselhamento. Quando observamos o homem moderno em sua correria, em seu vazio, em sua solidão, em sua dúvida, em seu medo, em sua fuga, entendemos o quanto há necessidade de outros homens que lhe permitam ver-se, encontrar-se, perceber-se através do contato e o aconselhamento é um desses espaços providenciados para esse encontro.

É necessário em todo tempo entendermos todo o valor do encontro, na perspectiva de Buber, daquele momento em que Adão percebe em Eva um pedaço do si mesmo, daquele instante em que um abraço saudoso nos mostra o quanto precisamos do outro. Quando assim percebemos, vemos o valor dessa busca intensa e infinita que há em todos nós de encontrarmos com o outro, aí, então, podemos perceber o valor do aconselhamento como esse espaço de encontro, esse espaço em que uma pessoa ferida de alguma maneira, fragilizada, em dúvidas, caminhante sem caminho, encontra outra absolutamente aberta, disponível, congruente, com o coração pronto a permitir que aquela venha e se sinta a vontade. Isso é aconselhamento. É disposição semi estruturada de amar e, por isso, de caminhar junto para encontrar os caminhos úteis ao crescimento do outro.

De tudo o que pensamos nesse trabalho, nada terá sentido se não for colocado dentro dessa perspectiva de simplicidade e de intensidade amorosa, pois a alma humana só encontra possibilidade no amor

Quando trabalhamos na perspectiva *cristã* parece simplesmente um reforço daquilo que já foi dito ou mesmo uma redundância, pois a essência do cristianismo está em ser ao outro esse abraço de Deus ao coração contrito. Deus habita no coração contrito. Deus veio

viver entre os homens em Cristo exatamente para mostrar-se como aquele que busca a ovelha, cura-lhe as feridas, põe no colo e a traz de volta para o convívio do rebanho. Assim, cristianismo é esse espaço de cura mútua, de restauração do ferido, de fortalecimento do enfraquecido.

Nesse trabalho, pensamos aconselhamento a partir do contexto do cristianismo e de seus valores. Foi uma proposta deliberada de pensar o espaço religioso cristão como um espaço de grande potencial curativo. Pensamos no ser humano como alvo do Espírito de Deus, como objeto de Seu interesse em amá-lo e restaurá-lo a partir dessa lógica do cristianismo.

Em alguns instantes a Igreja se parece tão distante dessa realidade inerente ao seu existir que entendemos que o primeiro grande trabalho do aconselhamento cristão é trazer a igreja de volta para o seu princípio de existência: *amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo do mesmo modo como cada um e cada uma se amam*. Depois dessa compreensão, podemos e devemos utilizar-nos dos instrumentos da religiosidade cristã como meios de cura e restauração de seus membros e de outras pessoas tais como: oração, bíblia, adoração, louvor, vida comunitária, reuniões de grupos, ministérios internos, enfim, os vários espaços que a Igreja tem potencial de prover para que as pessoas vivam uma qualidade de vida integral mais saudável e mais curadora.

Agora, quando tentamos trabalhar o conceito do que é Gestalt aí a tentativa se torna quase inglória, devido à amplitude do que significa essa técnica e do fato de que, de acordo com seus pressupostos filosóficos, continua sendo um conjunto de valores em constante revisão e constante adaptação às realidades humanas, o que a torna uma amplitude. Adriano Holanda diz que *“Laura Perls já assinalou que a terapia Gestalt é um método tão “libertário” que haveria tantas terapias gestalt quantos terapeutas gestalt”*.⁵⁵ Assim, seria inútil tentar colocar, com a devida profundidade, todos os conceitos, por isso nem tentamos. Tentamos apenas juntar os principais conceitos para que possamos disseminar essa técnica e assim alcançarmos novas pessoas.

Juntando, então, os três termos: Aconselhamento Cristão Gestáltico, temos um conjunto de valores de grande importância e de grande potencial à Igreja, seja para o cuidado

⁵⁵ HOLANDA, Adriano Furtado e FARIA, Nilton Julio, (orgs) *Gestalt-terapia e contemporaneidade*, contribuições para uma construção epistemológica da Teoria e da Prática Gestáltica. Campinas, Livro Pleno, 2005. p. 32.

de si mesma, seja para o serviço de amor ao próximo. Ainda uma área pouco utilizada entre nós, pois ainda pouco conhecida, mas a gestalt apresenta vários conceitos extremamente úteis ao ministério eclesiástico e quisemos aqui apenas *abrir essa gestalt* para, quem sabe, outros pesquisadores ampliarem e proporem novas ações práticas possíveis ao aconselhamento.

Trazer todo esse conceito ao campo do espiritual, deixando à disposição do Espírito Santo, pedindo a Ele sabedoria e bom senso na utilização é o nosso desafio e nossa disposição. Que Ele nos dê coragem para continuarmos a pesquisa, sensibilidade para continuarmos recebendo pessoas em nossa pessoalidade e coragem para ousar e ir além dos limites pré estabelecidos que tendam a nos manter na *mesmice* segura, mas inútil em nosso tempo.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, Anthony E. *Saúde Integral a Partir da Igreja Local*. Londrina. Descoberta Editora. 1998.
- BÍBLIA de Genebra. Barueri e São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil e Cultura Cristã, 1999.
- BRAGHIROLI, Elaine M ET al. *Psicologia Geral*. Porto Alegre, Editora Vozes, 1990.
- CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. São Leopoldo: Sinodal, 1987.
- COLLINS, Gary R. *Aconselhamento Cristão*. São Paulo, Edições Vida Nova, 1992.
- DALGALARRONDO, Paulo. *Religião, psicopatologia e Saúde Mental*. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- FADIMAN James; FRAGER, Robert. *Teorias da Personalidade*. São Paulo: HARBRA, 1986.
- GINGER, Serge. *Gestalt, a arte do contato: nova abordagem otimista das relações humanas*. Petrópolis, Vozes, 2007.
- GINGER, Serge e Anne. *Gestalt, uma terapia do contato*, São Paulo: Summus, 1995.
- HAMILTON, Jeffrey D. *Gestalt in pastoral care and counseling: a holistic approach*. New York: Hawort Pastoral Press, 1997.
- SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (org.) *Fundamentos Teológicos do Aconselhamento Pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.
- HICNER, Richard. *De Pessoa a Pessoa: psicoterapia dialógica*. São Paulo: Summus, 1995
- HOCH Lothar Carlos; HEIMANN Thomas, (orgs) *Aconselhamento pastoral e espiritualidade*. São Leopoldo: EST: Sinodal, 2008.
- HOCH, Lothar. C e NOÉ, Sidnei Vilmar (orgs), *Comunidade Terapêutica: Cuidando do Ser Através de Relações de Ajuda*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Editora Sinodal, 2003.

HOLANDA, Adriano F. e FARIA, Nilton Julio (orgs), *Gestalt-terapia e Contemporaneidade*. Contribuições para uma Construção Epistemológica da Teoria e da Prática Gestáltica. Campinas: Livro Pleno, 2005.

HURDING, Roger F. *A Árvore da Cura: modelos de aconselhamento e de psicoterapia*. Tradução Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1995.

HYCNER, Richard e Lyanne Jacob. *Relação e Cura em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus. 1997.

LOFFREDO, Ana Maria. *A Cara e o Rosto: ensaio sobre gestalt terapia* – São Paulo: Editora Escuta, 1994.

MARTÍN, Ángeles – *Manual Prático de Psicoterapia Gestalt*. Petrópolis. Vozes, 2008.

PERLS, Fritz. *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977

RIBEIRO, Jorge Ponciano. *Gestalt-terapia de Curta Duração*. São Paulo: Summus, 1999.

RIBEIRO, Jorge Ponciano, *O ciclo do contato: temas básicos na abordagem gestáltica*. 4ª Ed. rev. São Paulo: Summus, 2007.

ROCHA, Alessandro. *Introdução à filosofia da religião: um olhar da fé cristã sobre a relação entre a filosofia e a religião na história do pensamento ocidental*. São Paulo: Editora Vida, 2010.

RODRIGUES, Hugo Elídio. *Introdução à Gestalt terapia: conversando sobre os fundamentos da abordagem gestáltica*. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SANTOS, Hugo N. (editor) *Dimensões do Cuidado e Aconselhamento Pastoral: Contribuições a partir da América Latina e Caribe*. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008.

SCHIPANI, Daniel S. *O Caminho da Sabedoria no Aconselhamento Pastoral*. São Leopoldo, Sinodal, 2003.

WORTHINGTON, Everest J. *Casamento: ainda resta uma Esperança*. São Paulo: Editora Sepal.

ZANDRINO, Ricardo A. *Curar também é tarefa da Igreja*. São Paulo: Nascente, 1986